

ALEXANDRE CUMINO

POMBAGIRA A DEUSA

MULHER IGUAL VOCÊ



MADRAS®

Alexandre Cumino
POMBAGIRA A DEUSA
MULHER IGUAL VOCÊ
MADRAS

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, Vera Lucia de Oliveira Cumino, que desde cedo ensinou que minhas irmãs e eu teríamos as mesmas tarefas no lar: lavar louça, roupa, chão, banheiro, fazer comida, cuidar uns dos outros e ter respeito por todos independentemente de classe, etnia ou gênero. Agradeço à sua Pombagira que nos presenteou com um dos textos deste livro.

Agradeço ao meu pai, Luiz Cumino Neto, que me ensinou o que é a vida, deu exemplo de caráter, dignidade e trabalho; ainda hoje me ajuda o tempo todo para me dedicar quase integralmente à Umbanda.

Agradeço ao filho Uriel e à filha Maya, hoje vocês são crianças ainda, a vida é louca, nem sempre a gente sabe se está certo ou errado, então um dia aprendemos a seguir alma e coração, aí já não existe mais certo ou errado, existe apenas o que você é. Viver sua verdade é o único caminho que leva à realização individual e do grupo. Espero deixar um legado de luz para suas vidas e de tantos outros que queiram trilhar por meus passos. Que a partir deste livro entendam um pouco melhor o mundo, eu ainda estou aprendendo por meio deste livro, a Pombagira me ensinou muitos saberes que são de vocês também. Sabemos pouco da vida, uma das coisas mais importantes é "saber que não se sabe", dizer "não sei" para si e para os outros de forma honesta é libertador; há momentos em que ter dúvidas é mais importante que ter certezas. No silêncio vamos ao encontro de nós mesmos, de nosso eu maior, sagrado, divino em nosso centro, ali estão todas as respostas, paz e quietude. Cultivem o sagrado em seu silêncio interior. Pombagira é sua guia nessa travessia tão mortal, carnal e visceral, a vida é sempre mais... mais amor!

Agradeço as mulheres e suas Pombagiras que colaboraram para que este livro se concluísse, Aline Dutra, Vera Cumino, Eliza Azevedo, Helena Cumino, Débora Cumino, Daniela Cumino, Priscila Cumino, Fabiana Marçal, Marcela Marçal, Gabriela Marçal, Brenda Marçal, Veridiana Delgado, Malu Vazquez, Laura Carreta, Angela Peres, Iraci Domingos, Taiane Macedo, Ana Mametto, Claudinha Alexandre, Renata Pallottini, Vanessa de Oyá, Fabiana Carvalho, Cirlene Rosa, Maria das Dores Pereira,

Eliana Maria Ferreira, Sandra Aparecida Dias, Ana Paula Calassi Garcia, Janaína Ferraz, Natália Osowiec, Tati Fissore, Ivaldete Pedro, Letícia Schulze, Luzia Contin, Magali de Jesus Lopes, Marina de Jesus Lopes, Magda de Jesus Lopes, Maria Conceição Santana, Marllem Brito, Mercedes Calio Sanches, Mirty Kiomi Nishimoto, Mônica Mary Nice, Neuali Kelly, Patrícia do Nascimento, Patrícia Tobo, Sandra de Carvalho, Teresinha Chichura, Tereza Cristina Zanela, Thaís Queiroz.

Agradeço às Pombagiras de David Dias, Daniel Marques, Cristiano Nascimento, Alexandre Takayama, Lucas Calio Sanches, Magnus Quandt, Thyago Alves de Almeida, Daycton Natan Gomes, Rodrigo Queiroz.

Agradeço ao homem que trouxe a Pombagira de volta ao seu lugar de divindade Orixá, o homem que mudou tudo o que eu imaginava por Umbanda, o homem que me encaminhou na missão umbandista, meu amigo, irmão, parceiro, cúmplice, mestre, exemplo, em muita saudade e memória, Rubens Saraceni.

Dedicatória

Este livro é dedicado à memória de meu queridão, amado, reverenciado, amigo, irmão, companheiro, cúmplice, saudoso e imortal **Wagner Veneziani Costa**. Assim, com amor dedico-o também à sua mulher, **Sonia Veneziani Costa**, e às suas filhas, **Barbara Veneziani Costa** e **Giovana Veneziani Costa**; não há palavras, apenas um coração que ainda chora de lembrar, saudade que fica e vazio no coração. Que a gente possa sentir sempre na alma a imortalidade e a certeza de que a vida passa rápido, logo vamos estar todos juntos. Estendo ainda esta dedicatória para a querida e amada **dona Cleuza Veneziani Costa** e nosso queridão **Cardosão**.

"Que texto pungente, meu irmão!!!
Agudo, eloquente, didático, dilacerante e
poético, desnudante, crítico,
forjado pelo sentir feminino,
com um final surpreendente e
emocionante, conectando o sagrado,
a ética religiosa e pessoal!!!
Me senti presenteado!!!
Parabéns !!!"
Hédio Silva Jr.

Palavras do querido amigo, irmão e mestre **Dr. Hédio Silva Jr.**, após receber e ler o texto "Sou a Deusa", por WhatsApp. Fiquei tão emocionado com suas palavras e espontaneidade em tecê-las que faço questão de registrar aqui junto de meu carinho, admiração e gratidão por seu trabalho em prol de todos que sofrem discriminação, intolerância, preconceito étnico e religioso, especialmente comunidades de Terreiro Umbanda e Candomblé.

Apresentação

Por Angela Peres

Uma brisa na noite quente. Eu a sinto. Eu estou em toda parte e você ocupa esse espaço que sou eu. Não é uma parte minha, nem eu sua. Eu sou. Você é. E, ao ser, você habita e me ocupa. Apenas sinta.

Habitá-la com consciência é um grande desafio de verdade consigo mesmo.

Para muitos, a Pombagira representa a expressão de sensualidade. Mas isso é muito pouco. Isso é nada perto do que ela realmente é. Ela nos mostra quem somos, os valores que abrigamos em nosso ser. Ela revela, desnuda, escancara.

Quem está verdadeiramente pronto para encarar as profundezas do que é essa vibração que nos convida a enxergarmos nosso próprio interior?

Por onde ela passar de seu ser - onde não houver mistificação nada será como antes. Estruturas corrompidas ruirão. Aqueles que se acham melhores que outros se revelarão. Aqueles que mentem, omitem e falam pelas costas serão vistos de frente. Essa é a revolução que se opera quando invocamos sua força. A presença dela sempre esteve. Mas com sua sabedoria, aguardava o momento de nossa consciência estar preparada para sua manifestação.

Com o livre-arbítrio que temos, podemos escolher permanecer nas mentiras e farsas que criamos no dia a dia, ou escolhemos ser sinceros conosco e com o mundo. Atendendo a esse chamado de transformação por uma nova consciência, ela se apresenta e muda tudo o que víamos ser frágil e sem consistência.

Que o vento dessa saia leve para longe toda a desumanidade que se apresenta nos dias de hoje revestida de boas intenções! O melhor para si não pode ir contra o melhor para o todo. Caso isso ocorra, algo precisa ser revisto.

Sensualidade é só a espuma da onda. O oceano é bem mais profundo. Essência, verdade, força, potência, olhos nos olhos, essas são as águas que navegamos ao sentirmos sua frequência.

Enquanto alguns discutem se ela foi ou não foi puta, a deidade observa atenta e paciente.

É preciso maturidade para nos dispormos a navegar por esses mares. Por isso, eu convido a todos para que se dispam. Essas águas não aceitam cascas, máscaras nem conveniências.

Se a leitura é para agradar alguém, não continue. Faça apenas se for por você. Para que você se transforme, se melhore. Agora, nu, caminhe para o mar e não pare se uma onda vier. A plenitude de conhecer esse oceano é bem maior do que qualquer medo. Aproveite, desfrute, permita-se sair transformado dessa experiência. Ela nos diz: "Eu sou você". O que descobrir aqui, aplique a si. Queira enxergar a si mesmo. Só assim, o portal guardado pela Esfinge não o devorará. Desejo ao leitor retidão e firmeza de princípios. Do outro lado, um esplendor mais humano e justo (para o todo, não apenas para si mesmo) o espera. Boa viagem.

Angela Peres é doutora em Antropologia Social, atriz, diretora, dramaturga, umbandista e militante da luta antirracista e feminista.

Introdução

Por Renata Pallottini

"A voz tem força

Que a boca desconhece

Pensamentos versam e guiam o caminhar

Poesia oração

É alimento e armadura

As letras que me vestem

Rabiscam a fé que me ergue

Mulher é bicho-gente

Que sangra e que sonha

Eu lírica, sou grande"

("Trincheira", Drik Barbosa e Slam das Minas SP, 2018).

No ano de 2017, 4.936 mulheres foram assassinadas, cerca de 13 assassinatos por dia; desse número total de vítimas, 66% eram mulheres negras.¹

De 2007 a 2017, a taxa de homicídio de mulheres negras no Brasil cresceu 29,9%, enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras cresceu 4,5%.²

Entre 2012 e 2017, o número de mulheres mortas por arma de fogo dentro de suas residências cresceu 28,7%, enquanto o número de mulheres mortas por arma de fogo fora da residência aumentou 6,2%.³

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo.⁴

O Brasil lidera o ranking de feminicídios na América Latina, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).⁵

Seja bem-vindo, caro(a) leitor(a)!

Não estranhe as boas-vindas feitas de forma tardia, introduzida depois de tantos números, taxas e informações trágicas, mas desenhar esse cenário foi imprescindível para que entendamos a importância das páginas que nos sucedem.

A Umbanda nasce em solo brasileiro, terra infiltrada pelo sangue de mulheres mortas por seus companheiros, território demarcado pelo machismo estrutural que insiste em nos adoecer. A sociedade brasileira precisa evoluir muito no que tange à emancipação e aos direitos das mulheres, sobretudo quanto à preservação da vida de mulheres negras, lésbicas, transexuais e todas as outras formas de ser mulher. Nesse

momento, caro(a) leitor(a), você pode me perguntar: o que esse quadro genocida tem a ver com Pombagira? Infelizmente, tudo.

Os valores sociais que nos permeiam, tristemente, invadem os muros de nossos terreiros, deturpam a manifestação dos espíritos que se apresentam como Pombagira, silenciam a voz da Deusa Mulher, afinal, como pode haver uma mulher que dá corporeidade à autonomia, independência, liberdade, autossuficiência, em um meio social que persiste em nos matar, silenciar, subordinar, castificar?

Não à toa, a figura da Pombagira é frequentemente apresentada como espíritos de mulheres que quando encarnadas foram profissionais do sexo, mulheres ligadas aos prazeres carnavais, as quais ao morrer se tornaram entidades espirituais e que se manifestam na Umbanda para dar conselhos amorosos.

Percebe como são reveladas as visões obtusa e machista? É como dizer que mulheres só estão aptas a falar de assuntos afetivos, eliminando suas experiências como mães, profissionais provedoras de seu próprio sustento, cientistas e tantos outros lugares que podemos ocupar. É correlacionar a imagem da mulher que gargalha alto, bebe, fuma, somente a mulheres que fazem do sexo sua profissão e que são brutalmente rechaçadas socialmente, pois têm sua liberdade sexual como medidora de suas dignidades.

Entende como Pombagira é apresentada ao avesso dos moldes morais da "bela, recatada e do lar"?

Este livro é um grito! Um grito que nos recorda da sabedoria do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que ao anunciar a Umbanda indagou: "Se julgam atrasados esses espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho (o médium Zélio) para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a suas mensagens [...] vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram

levar essas mesmas diferenças além da barreira da morte?". Cabe a pergunta de Pombagira: "Vocês, homens machistas e violentos, não contentes em oprimir e violentar as mulheres vivas, continuam a nos perverter e silenciar além da barreira da morte?".

Se naquela noite de 15 de novembro de 1908, no lugar do Cabloco das Sete Encruzilhadas, Zélio tivesse incorporado uma Pombagira, estaríamos lendo esta obra?

Esta literatura vai estreitar os laços de todos aqueles que se relacionam com Pombagira.

Aos homens surgirá a necessidade urgente de transmutar valores nocivos, fruto de uma sociedade falocêntrica que pensa Deus pelo masculino, educada desde o berço pelo pai que diz ao menino: "Não chore, porque homem não chora", que considera no fundo e, quase sempre, o masculino como superior ao feminino, que associa a briga, o ódio ou "tirar satisfação" com algo profundamente masculino e como sinal de força; e vincula a harmonia, o voltar atrás, o pedir perdão ou engolir calada a ofensa com o feminino e como sinal de fraqueza.

As mulheres, nós retomaremos a consciência de nosso histórico de resistência e da possibilidade de existirmos como bem entendermos, quebrando quaisquer moldes que nos foram impostos. Será como o ensinamento da feminista Joice Berth,⁶ quando cita a brilhante Bell Hooks - não podemos só pensar na medida de nossa capacidade de aguentar a dor, mas sim na celebração de nosso movimento além da dor. Pombagira nos traz força para lutar e romper qualquer opressão.

Esse é o olhar que esta obra de Alexandre Cumino nos traz, um convite a repensar sobre a manifestação do arquétipo das Pombagiras em nossos terrenos.

É um verdadeiro chamado que devolve à Deusa seu devido lugar.

Renata Pallottini é mulher, sobrevivente da violência doméstica, feminista, advogada criminalista, graduada e pós-graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e idealizadora do perfil no Instagram Invisíveis Marias (@invisiveis_marias).

Prefácio

Por Claudia Alexandre

Agradeço ao autor por ter me incluído neste importante trabalho e pelo privilégio de ter lido em primeira mão este livro. Diante deste título tão provocativo, Pombagira, A Deusa Mulher Igual Você, tomo para mim a incumbência de avisar os leitores e leitoras para que se preparem, pois ele não é apenas uma provocação! É sobre reconduzir a Deusa ao seu devido lugar. É sobre retomada de caminho.

Seja qual for o motivo que o(a) levou a ter em mãos esta obra, seja pelo apelo atrativo que ela propõe ou por todas as mentiras que já lhe contaram sobre esse tema, prepare-se para entender por que o lugar da Pombagira é onde ela quiser estar. Também não estranhe se as páginas deste livro, uma a uma, lhe deixarem a impressão de ela, inclusive, está aí dentro de você! que

O sacerdote, umbandista, bacharel em Ciência da Religião e escritor Alexandre Cumino nos brinda com esta arrebatadora narrativa e atualiza a literatura dos estudos das religiões afro-brasileiras, em especial da Umbanda. Mas, diferentemente do tom de mestre e investigador interessado das celebradas obras anteriores, ele se rende a outra forma envolvente de escrita. Dessa vez, como um bom médium que é, dando voz a uma das mais amadas, incompreendidas e também demonizadas entidades do universo afro-religioso: a Pombagira.

De minha parte, depois desta leitura, e para todo sempre, tenho certeza de que ela é uma Deusa, mulher igual a mim.

Cumino localiza muito bem essa Deusa. Ela é Pombagira Entidade e também Pombagira Orixá. Ela não é simplesmente Exu Mulher, não é a mulher de sete maridos, mas a companheira dos Exus em suas vibrações nas Sete Linhas de Umbanda. Ela só pode ser compreendida como Mulher de Exu, porque um está para o outro, em uma sincronicidade incrível! Ela e Exu formam o par ideal, aquela harmonia desejada, a complementação. Não

existe sub-missão nem disputa de poder. Pombagira é única em sua multiplicidade. Há muitas revelações por aqui!

É compreensível que esta obra nos chegue às mãos bem depois do livro Exu Não é Diabo, lançado pela Madras em 2018, na qual o autor propõe desconstruir do imaginário a ponte intolerante que liga Exu ao Diabo cristão. Exu é Orixá, entidade, mensageiro, guardião, guia, amigo e mestre...; e o Diabo, do mal e do pecado, não é problema nosso!

Um dos mais conhecidos provérbios sobre o Orixá Exu diz assim: "Exu matou um pássaro ontem, com a pedra que atirou hoje".⁷ Pois aqui, pela precisão do lançamento deste novo livro, não tenho dúvidas de que também a "Pombagira matou um pássaro ontem, com a pedra e atirou hoje", razão pela qual foi ao encontro do que autor para reivindicar sua história, em pé de igualdade, para ser colocada em um olho no olho em quem a reduziu à "dona" da face do mal.

Desde a história da origem da Umbanda, incluindo obras dos primeiros autores que se ocuparam do assunto, adjetivos não faltaram para desqualificar a Pombagira, no interior da própria religião. Sem contar o preconceito vindo de religiões judaico-cristãs, que a transformaram em "encosto, prostituta do Diabo, mulher demônio, esposa de Satã e encarnação do mal", além de entidade "vulgar, bruxa, feiticeira, infiel, pronta para desafiar o mito da virgindade, desmanchar casamentos e fazer amarrações". Essa Pombagira não existe!

Cumino não perde tempo com essas falácias, até porque os desafios que a Deusa lhe impõe são outros. O mais impactante e transformador, como ele mesmo conta, após ter recebido a visita da própria Deusa, foi buscar sua essência perdida na aproximação com a realidade de mulheres negras e todas as desigualdades sofridas por elas, para assim libertar as outras de todo o tipo de dominação.

Foi exigindo o entendimento sobre o feminismo negro⁸ que a Pombagira reivindicou não apenas um livro, mas também uma revolução para todas as mulheres, principalmente para as que foram (e são) historicamente violentadas, caladas, perseguidas, discriminadas,

humilhadas, abusadas, invejadas e assassinadas pela ação do patriarcado, vítimas do sexismo, da exploração sexista e da opressão.⁹

Pela voz da Deusa ouve-se o grito pela liberdade das mulheres que ela habita. Por isso, não aceita o Deus torturador que a rejeita, que rejeita todas as formas de mulher, de mães, seus nomes, as Marias e todas as Pombagiras.

O autor, apesar de mais de 20 anos militando pela Umbanda, traduz no conjunto dos 20 textos desta obra seu próprio despertar, ao se render às profundas vontades da Pombagira. Apesar de sempre ter reconhecido a importância dessa entidade, ele mesmo confessa que "não sabia, que não sabia", por exemplo, que mudar a realidade de mulheres negras é questão urgente para a Deusa.

Cumino também parece estar entregue quando eleva naturalmente esse feminino que não aceita subjugação ou estereótipos. Ele é mediador de incisivas sussurradas por ela, como: "Sou o interior de tudo que existe, estou dentro, estou no íntimo, estou no fundo, nas profundezas e abismos físicos e existenciais".

Este livro mostra que enquanto nos afastaram de Pombagira, nos privaram da coragem e do próprio desejo, pois é ela a imagem pura dos desejos e da própria vida. Outro sussurro: "Acima de tudo sou virtude. Não sou seus vícios e não sirvo a eles. Sensual, carnal, mental, astral, emocional, sou a ânsia que brota no mais profundo de sua alma, sou divina, Sagrada e verdade em todas as instâncias do ser humano".

É intenso o contato que se tem com as Deusas demonizadas pela história, simplesmente porque subverteram a vontade do Deus homem. O mundo machista não suportou a existência de um Deus e de uma Deusa em harmonia e desequilibrou uma parte de nossa própria compreensão de mundo. Estamos deslocados, e sem o poder da Deusa não será mais possível.

Por isso, emergem Lilith, Asherat, Nêmesis, Hécate, Trívia e todas as deusas da noite. Sem esquecer Eva, Mãe de Deus, Nossa Senhora e Maria Madalena. Mas também "Iyá Amapô, Iyá Obo, Iyámi Oxorongá, Oxum (a

mais associada à sensualidade), Iemanjá, Nana Buroquê, Logunan, Iansã-Oyá, Oroiná-Egunitá, Obá...".

Pombagira discute os conceitos de liberdade, patriarcado, sexualidade, virgindade, imoralidade, racismo e intolerância, entre outras questões, para que ninguém mais fale sobre ela, sem que a ouçam primeiro.

Compreenderemos, por fim, por que Alexandre Cumino é o escritor, mas está no lugar de escuta. Porque ele, um privilegiado, jovem, homem, branco, olhos azuis, um dos sacerdotes de Umbanda mais conhecidos do Brasil, com grande número de títulos lançados e vendidos sobre temas dessa religião, já entendeu que seu caminho, na verdade, é o caminho da Deusa.

Portanto, leitoras e leitores, se preparem, pois este livro não é sobre oferendas, champanhes, perfumes, cigarros ou rosas vermelhas.

É sobre a Pombagira negra, nua e dourada. Ela é Alexandre Cumino. Ela sou eu. Ela é Pombagira, a Deusa: Mulher Igual a Você.

Laroyê Senhora!

Axé!

Claudia Alexandre jornalista, radialista, mestre e doutoranda em Ciência da Religião (PUC-SP). Dirigente do Templo da Liberdade Tupinambá; Ebomi do Terreiro Xangô Ogodô Dey (Cachoeira-BA); e uma das fundadoras do Cecure (SP).

Prazer, Sou Orixá Pombagira

Por David Dias

Prazer, esse é o termo que me define!

Sou Orixá Pombagira, aquela que muitos brigam para saber meu nome, para me definir, rotular, limitar, se esquecem que, desde o princípio, homem nenhum conseguiu me acompanhar.

Sou o grito da alma que tempo nenhum consegue datar.

Como Gênese, sou a serpente,

Sabedoria animal, selvagem, indomável,

Sou transgressora, transcendente da alma, da moral;

Como Lilith, sou quem fez Adão tremer quando com meu poder se deparou;

Como Eva, sou a cobra da sabedoria,

Desejo que envenenou,

Liberdade que picou aquela que "pecou";

Da Iemanjá eu sou o maremoto,

Da Iansã, o vendaval,

Da Oxum, sou a pancada da água que molda até a mais dura rocha,

Aquela que Xangô nem com o machado deu conta de rolar;

Ando lado a lado,

Não acompanho Exu, pois não sigo seus passos,

Sou Pombagira, meu irmão,

Aquela que abandonou os valores do corpo para ascender aos valores da alma,

Por conta disso é que nunca vi filho meu morrer;

Não me defino como mulher, minhas atitudes definem por mim,
Não sou essa mulher que você vê por aí afora,
Sou mulher dessas que você vê por aí adentro,
Sou silêncio quebrado pela gargalhada animada, alterada, descarada;
Sou Rainha, Kalunga Grande,
Sou Princesa, Negra,
Sou Amarela, Ouro,
Sou Vermelha, Sangue,
Sou Verde, Mato;
Sou o que quiser e, ainda se eu fosse guerreira, seria Joana d'Arc.
Se eu fosse Rainha, seria Padilha
Se eu fosse Maria, seria Madalena
Se eu fosse sua mulher, seria sua mãe
Se eu fosse do Candomblé, seria Yabá
Se eu fosse da Igreja, prefiro a serpente do que a costela
Se eu fosse ancestral, seria Lilith
Se eu fosse da Umbanda, seria das Almas
Se eu fosse Bruxa, seria Évora;
Só por ser mulher, já posso ser o que eu quiser;
Abro meu próprio caminho,
Mas não me limito a títulos, a formas,
Sou mais! Sou muito mais que isso,
Muito mais que uma costela,
Sou violenta;
Não incorporo, eu empodero!

Levanta!

David Dias é médium, sacerdote de Umbanda,
dirigente do Templo Pai João de Angola.

Prólogo

Assim que publiquei Exu Não é Diabo, pela Madras Editora, surgiram as perguntas: **"E a Pombagira?", "Por que você não escreveu sobre a Pombagira?", "Cadê o Exu Mulher, o Exu Pombagira?"**

Imaginava que seria questionado sobre isso, afinal Exu, que não é bobo nem nada, escolheu Pombagira ou foi por ela escolhido. Embora no universo de Orixá uma escolha de relacionamento não seja exclusiva, pode ser inclusiva e divina, mitológica, não é regida por conceitos humanos.

Ao mesmo tempo que somos carentes de desmistificar Exu, também somos carentes de entender Pombagira, principalmente os homens, tão ignorantes desse universo.

Ao logo de 110 anos de Umbanda, quase nada foi escrito sobre Pombagira, é um mistério fechado. O único título que eu recomendo é Orixá Pombagira, do Mestre Rubens Saraceni, publicado pela Madras Editora (<www.madras.com.br>).

As poucas publicações sobre Pombagira estão em torno de fantasias, distorções e receitas de amarração, destruição de casais e outros conceitos, que degradam a divindade e o sagrado.

Um autor da década de 1970, Antonio Alves Teixeira Neto, escreveu um livro com o título Pombagira e não colocou nada de Pombagira em seu conteúdo; triste ignorância.

Não escrevi nada sobre Pombagira no livro Exu Não é Diabo, ela não é apêndice ou anexo de Exu. Pombagira não é uma costela de Exu e, por isso mesmo, ela não é um "Exu Mulher". Afirmar isso seria o mesmo que afirmar que Iansã é Xangô mulher, Oxum é Oxumaré mulher ou Nana Buroquê é Obaluaiê mulher.

Eva sair de uma costela de Adão não é respeitoso com a mulher, reduz a algo menor e submisso, um pedaço do homem, uma devedora da costela, dívida deve ser paga com humilhação.

Pombagira é uma força da natureza humana feminina, mistério, poder, entidade, divindade, Deusa, rainha, Orixá reconhecida e compreendida como tal.

Embora Orixá desconhecida, na cultura Bantu de Inquice é a divindade Pambu Nzila que corresponde a um Orixá Nagô. Embora controversa, a Mãe da Vagina e da sedução, Iyá Mapô, de existência duvidosa, é seu correspondente Nagô Yoruba.

Pombagira também é mãe, embora todos nós encontremos dificuldade e resistência em reconhecer sensualidade e jovialidade na mãe; devemos lembrar que Oxum também é mãe, da mesma forma uma mulher jovem e sensual.

Pombagira faz par com todos os Orixás, de Exu a Oxalá.

Pombagira é uma Deusa desconhecida, é uma Deusa Negra, é uma Deusa Transgressora de tudo que não está de acordo com seu íntimo, sua alma ou coração.

Suas filhas são de todas as etnias, de todas as raças, são brancas, negras, amarelas e vermelhas. Ao reconhecer a mãe Orixá, reconhece-se uma origem cultural negra, é por isso Deusa Negra.

1 - Mulher Igual Você!

Pombagira não é menos, posse, objeto ou brinquedo.

É uma Rainha, Deusa, Divindade, Orixá, Entidade.

Poder, força, encanto, mistério, paixão.

Senhora dos desejos, estímulos, sensualidade, êxtase, orgasmo.

Altiva e independente; forte e delicada; flor e espinho; rainha e guerreira.

Vai aonde quer, está onde quer, e é o que quiser.

Pombagira é mulher igual a você!

Força, emoção, sensualidade, movimento, terra, água, fogo, ar; a profundidade das entranhas de toda a natureza!!!

É a mais sensual e mais desejada de todas as Deusas, irmã de Oxum, Iansã-Oyá, Egunitá-Oroiná, filha de Iemanjá, neta de Nana Buroquê!!! Afilhada de Logunan, protegida de Iyamin!!!

Pombagira é o poder do oito, infinito, poder que vem de dentro e se eterniza na alma de cada um!!!

Pombagira não tem "marido", não tem dono, não é propriedade de homem ou Deus algum. Ela tem amores por deuses e homens que a enaltecem, exaltam, reverenciam e a reconhecem como Deusa.

Pombagira tem Ogum para guerra, Oxalá para paz, Xangô para realeza, Oxóssi para descontrair, Obaluaiê para acalmar, Omolu para aquietar, Oxumaré para colorir seus dias e Exu para todos os momentos.

Pombagira não tem "marido" porque não é propriedade de ninguém, não tem "marido" porque não está encarnada, não tem "marido" porque o conceito "marido" implica uma carga moral, patriarcal, machista, de posse em uma realidade e cultura incompatíveis com seu mistério livre, altivo e libertador.

Pombagira é "A" Deusa, ao mesmo tempo é uma Deusa, Divindade, Orixá, Rainha, entidade; ela é uma e é muitas; muitas mulheres, entidades, espíritos, guardiãs, guias e Mestres na vida e na Umbanda.

O relacionamento de Pombagira com Exu acontece em muitas realidades: amorosa, energética, espiritual, mental, vibracional, conceitual, de trabalho e vida; dentro, fora e além da Umbanda.

Quando se fala que Pombagira tem sete Maridos, é uma linguagem figurada para identificar Exu nas Sete Linhas de Umbanda ou Vibrações de Deus, em que ela também atua.

Tecnicamente, Pombagira Maior faz par com Exu Maior e também com seus Sete Sentidos: Exu da Fé, Exu do Amor, Exu do Conhecimento, Exu da Justiça, Exu da Lei, Exu da Evolução, Exu da Geração. Também se relaciona com seus 14 guardiões ligados aos 14 Orixás: Exu de Oxalá, Exu de Logunan, Exu de Oxum, Exu de Oxumaré, Exu de Oxóssi, Exu de Obá, Exu de Xangô, Exu de Oroiná, Exu de Ogum, Exu de Iansã, Exu de Obaluaiê, Exu de Nanã Buroquê, Exu de Iemanjá e Exu de Omolu.

Mas essa é apenas uma dentre tantas visões de Umbanda. Nada tem a ver com troca sexual, casamento ou relacionamentos mundanos e mediocres, como as pessoas estão acostumadas a imaginar.

Pombagira se relaciona com 301 Orixás, com deuses e deusas celtas, gregos, romanos, egípcios, sumerianos, babilônicos, hindus, indígenas e todos mais, onde ela também assume outras culturas, faces e nomes.

A senhora dos desejos habita dentro de cada um de nós, se realiza em nossas vidas, em nossos Sete Sentidos e muito além deles também!!!

Pombagira representa o que transcendeu os Sete Sentidos e, por isso, ela é tão incompreendida!!!

Só quem foi além dos Sete pode dar conta da profundidade dos mistérios do oito, do nove e do infinito!!!

Sim, do infinito, da essência além do mundo das formas que domina essa realidade sétupla!!!

Pombagira está muito além de tudo o que podemos conceber na estreita visão humana!!!

Pombagira é Deusa, Rainha, Mulher; mulher igual a você!!!

Saravá Pombagira!

2 - Sou a Deusa!

Na manhã do dia 21 de maio de 2019, acordei com ela sussurrando palavras em minha alma, estava ali em minha cama, nua como uma Deusa, negra como uma Deusa, sua pele brilhava um tom dourado. Silencieei, quietinho para ouvir atentamente aquela voz em mim.

Como um trovão, esse saber me atravessou, rasgou meu espírito, exigindo nova consciência para receber e absorver:

EU SOU a Deusa esquecida nas brumas do passado. Fui amada, adorada, reverenciada e cultuada por uma casta de sacerdotisas: "filhas da Deusa", as "filhas da Noite". São mulheres livres e libertas que não aceitam submissão a homem algum, nem Deus manda nelas. Eu lhes ensinei: nada é mais sagrado que o livre-arbítrio.

Elas realizam seus desejos, aceitam pagar o preço por isso, reconhecem o corpo perecível, a alma imortal, sabem que a vida é única como se não houvesse outra oportunidade de viver o agora.

Marquei-as perante a eternidade, me procuram intuitivamente, estão por toda a parte, se identificam como irmãs de um mesmo clã.

Recebo, aceito, reconheço-as como filhas todas que me procuram em suas entranhas, em busca de força para viver de forma saudável em um mundo doente.

Eu nunca serei totalmente esquecida!

Mulheres abusadas, profanadas, agredidas, caluniadas, difamadas, marginalizadas, torturadas, escravizadas, estupradas, prostituídas, queimadas vivas... não me esqueceram, elas me reconhecem em si mesmas e me chamam "Mãe".

A maioria delas nem me atribui nome, não conhece tantos nomes que eu mesma me faço reconhecer. Por intuição me chamam: Mãe da Rua, Mãe Farrapo, Mãe Mulambo, Mãe das Estrelas, Mãe da Noite, Mãe das Sombras, Mãe das Trevas, Mãe Amada, Mãe dos Desejos, Mãe da Carne, Mãe do Sexo, Mãe prostituída de filhas prostituídas pela vida, por homens,

sociedade, um modelo patriarcal, machista, sexista, colonialista, consumista, hipócrita, voraz, mesquinho, mediocre, tacanho e covarde, entre outros atributos e desqualificações, não menos importantes.

Como pode ser fácil a vida para quem está com quem não quer estar? Como pode ser fácil assumir o mais hipócrita dos "pecados"? Como pode ser fácil não ter quem deseja e ser desejada por quem não quer?

Ter a carne rasgada, alma mutilada, espírito corrompido, lágrimas caladas, boca sufocada e ainda ter de agradar a quem a profana, apenas para levar um pouco de dignidade a um filho, a um pai ou a uma mãe?

Fazer o que ninguém quer fazer, receber homens que as esposas rejeitam, por meio de subterfúgios e artimanhas? Deitar-se com quem não ama é sempre prostituição, não importa se tem contrato de casamento ou se é apenas por uma noite.

A vida difícil da outra sempre parece mais fácil. Como pode ser fácil um lugar que você não quer estar? Ou que você quer mas não tem coragem? Não há glamour, dinheiro ou presente que compre anos perdidos, dor na alma e memórias de ser tratada como lixo humano.

Quais são as opções de quem não tem opção?

A única opção que resta é rezar!!!

Não mais para um Deus possessivo, que julga, ciumento, egoísta, assassino, torturador; não mais para um Deus Pai. Talvez um Deus filho, humano, que reconhece sua mãe; um Deus que não atira pedras, um Deus acolhedor. Como rezar para esse Deus filho se ele foi totalmente capturado, engessado e elevado à mesma condição de Pai?

Como rezar para o filho se agora ele é o pai? Quando usam e deturpam sua imagem e presença com a imagem e a presença do torturador?

Como seria rezar para uma mãe tão intocada, depois de ter sido muito tocada de todas as formas? Como se identificar com uma mãe tão imaculada em meio a tanta mácula? Como rezar para alguém tão pura após ter sido tão profanada?

Onde estava o filho, engessado no modelo do pai, ou a mãe tão distante em sua pureza quando as filhas de outras mães foram torturadas, abusadas e iludidas?

Desesperança, desespero, desamor, desafeto, descuidado, desacolhimento, desilusão, mágoa, dor, agonia, solidão levam a mim. Só resta rezar para uma Deusa desconhecida, uma Deusa igual e igualmente agredida.

Não fui totalmente esquecida, enquanto houver mulheres que sofrem a dor da exclusão, estou e sempre estarei aqui, sou a Deusa de mil nomes!!!

Sou uma das faces da Deusa Mãe, um dos aspectos da Deusa Maior. O dia que descobrirem que todas as deusas são uma única deusa, descobrirão que o desamor para comigo é desamor para todas as minhas irmãs.

Somos muitas deusas e ao mesmo tempo somos A Deusa Mãe, única e absoluta. Para quem nos conhece a fundo somos o Deus Pai, também. Não há Pai sem Mãe, cara sem coroa, dia sem noite, sombra sem luz.

Deus ou Deusa? São dois lados de uma mesma moeda, transcenda o olhar unitário e o olhar binário, alcance o olhar essencial e venha até a alma de minha alma.

Mergulhe seu ser no meu, descubra, sou a Mãe e o Pai, a Deusa e o Deus que transcende valores humanos, além de idealizações mesquinhas, medíocres e hipócritas de doutrinas distorcidas.

Agora é na figura de uma Deusa que vou falar, é na figura de uma Deusa que quero ser reconhecida, é assim que vou me apresentar!

"Se é preciso que eu tenha um nome", pode me chamar por qualquer um dos mil nomes, todos são fortes e me agradam, mas poucos são conhecidos por vocês.

Há um nome antigo, perseguido, caluniado, vilipendiado, distorcido, forte, lindo, que me honra e me pertence: Lilith - A Deusa.

Mas, se você quiser, pode me chamar pelo nome de uma de minhas filhas, pode me chamar pelo nome de qualquer uma de minhas filhas, pode me chamar de Maria Madalena. Maria para não esquecer que também sou

Maria, que sou todas as Marias, que sou Maria Padilha, Maria Cecília, Maria Mulambo, Maria Farrapo, Maria Navalha, Maria Caveira, Maria Rosa, Maria Sete Saias, Maria do Cais, Maria comprada, Maria vendida, Maria abusada, Maria torturada, Maria estuprada, sou todas essas Marias e sou Maria Mãe, Mãe de todos, sou a tocada e a intocada, sou a maculada e a imaculada, sou a "santa" e sou a "puta", no fim sou apenas mulher, sou Pombagira!!!

Pode me chamar por mil nomes, mas hoje me chame Pombagira, eu sou A Pombagira. Não aceite que me diminuam, que me reduzam, que me calem, não aceite menos do que sou, uma Deusa, Rainha, Divindade, Orixá, Entidade; sou a Deusa Pombagira!

Se quer me agradar, agrade minhas filhas, vale mais que mil Oferendas.

3 - Deusa na Pele de Pombagira

Surgi no momento em que a Fonte Original manifestou vontade de criar o lado interno e externo da criação. No interno eu, A Deusa, no externo, O Deus, essa é a primeira dualidade da Criação.

Sou A Deusa, portanto me manifesto por meio de todas as deusas, estou e sou em todas elas. Sou Pombagira, sou Iyá Amapô, Iyá Obo, Iyámi Oxorongá, Oxum, Iemanjá, Nana Buroquê, Logunan, Iansã-Oyá, Oroiná-Egunitá, Obá, sou todas as deusas conhecidas e desconhecidas. Sou Nut, Ísis, Hator, Sekhmet, Maat, Best, Freyja, Geia, Gaia, Reia, Deméter, Diana, Pachamama, Atenas, Afrodite, Vênus, Hera, Perséfone, Hécate, Hell, Cerridwen, Moiras, Tara, Kaly, Durga, Parvati, Lakshmi, Sarasvati, Arianrhod, Astarte, Brigdhe, Fuji, Pele, Ananta, Lamashtu, Inana, Andrasta, Anat, Daena, Maia, Maya, Befana, Baba Yaga, Cailleach, entre milhares de outras.

Todas estão em mim, eu estou em todas.

Somos iguais e diversas, mistérios de um mistério maior, e somos o mistério maior.

Uma não diminui a outra, existimos, coexistimos, interexistimos, somos umas nas outras! Somos a sororidade ideal!

Sou cultuada por meio de tradições atuais e antigas, por nomes diversos, como Orixá estou nas sociedades femininas e secretas de origem africana, também estou na Umbanda de forma direta e por meio de minhas filhas, irmãs e guardiãs. Estou em cada uma que me busca em seu íntimo e me reconhece em suas entranhas.

Sou uma das faces da Deusa, assim como são minhas irmãs outras deusas, juntas somos o feminino na Criação. Somos A Deusa.

Somos as partes, Ela é o Todo. Aqui eu falo, Ela fala e nós falamos ao mesmo tempo, a única diferença é a consciência de quem ouve.

Sou o interior de tudo que existe, estou dentro, no íntimo, no fundo, nas profundezas e abismos, físicos e existenciais.

Sou Orixá Pombagira, Deusa, Divindade.

Sou a paixão que antecede o amor, o êxtase que antecede a fé, a ânsia do saber que antecede o conhecimento, a vontade de justiça, a expectativa da ordem, o estímulo à evolução, a gana de criar e gerar o que está por vir.

Sou sensual, carnal, mental, emocional, espiritual, divina, sagrada, natural, mística, passional, fogo e paixão; o desejo que brota no mais profundo de sua alma. Sou tudo que os desejos criam e concretizam em sua vida e imaginação.

Acima de tudo sou virtude. Não sou seus vícios nem sirvo a eles. Sou o desejo que vem da Alma. Desejo que vem do ego, da posse, tem origem nas dores do mundo.

Eu sou o desejo de cura, de luz, de consciência e vida para sua vida.

4 - Medo e Desejo

Medo

O Poder Masculino na Criação não é superior ao Feminino e vice-versa, simplesmente porque um não existe sem o outro, se completam, complementam, misturam-se de tal forma que um está na outra e uma está no um.

Sempre que o masculino tenta subjugar o feminino, ou o contrário, revelam ego e insegurança.

Ninguém foi criado para existir sozinho e por essa razão os gêneros se unem, somam e/ou multiplicam.

O desejo de possuir revela o medo de ser possuído, de se perder, entregar, ser subjugado ou exposto em sua fragilidade humana. Há o medo de ser humilhado, medo de ser impotente ou medo de ser incompleto.

O medo, sempre; o medo faz com que um ou uma queira dominar o outro ou outra. O desejo de dominar revela o medo de ser dominada,

abusada, usada, trocada, torturada, estuprada, comprada, vendida, descartada; medo de depender do outro, de ser escravizada, serva dos desejos mais baixos e degradantes.

O medo de entregar-se e de compreender que feminino e masculino se completam na criação cria as imagens de um Deus exclusivamente masculino ou de uma Deusa exclusivamente feminina.

Há de se entender também que feminino e masculino podem se unir tanto quanto masculino e masculino, e aí se complementam e completam no macro, onde tudo o que é bom e faz bem tem seu lugar na alma dos que se amam.

O poder divino é a união das forças que se unem, completam e complementam, um não deve subjulgar ou dominar o outro.

Desejo

Sou o desejo do êxtase, que estimula todas as formas de vida a buscar prazer e realização em toda a criação.

Desejo do espermatozoide em alcançar o óvulo, da criança em receber afeto, dos amantes, da abelha em colher o néctar das flores, desejo pela vida, por tudo que agrada e o faz melhor.

O desejo de ser mãe, este que percorre de forma visceral o corpo da mulher; estou em todas as suas fibras e nervos dando força de contração, sou o desejo da vida na hora do parto, o grito mais alto e mais profundo, a dor e o êxtase de prazer de quem deu à luz.

Sou o prazer que suplanta todas as dores do parto e dá sentido para trazer a vida de dentro das entranhas. Sou essa força, esse poder que está acima de todos os sentidos, o desejo à vida, a força da vida, que a faz mulher, a força que faz o homem entendê-la, mulher!

Desejo, estímulo, êxtase, gozo, prazer e orgasmo, eu me concretizo em suas vontades mais íntimas e profundas, de algumas você nem toma conhecimento, outras estão escondidas nas entranhas das máscaras e estruturas sociais.

Sou o que faz a menina tornar-se mulher, a mulher tornar-se mãe e a mãe não deixar de ser mulher.

O desejo que atrai, a força que seduz, a sensualidade da mulher. Estou em todas as mulheres, tudo que é feminino e também no masculino, estou n'Ele e Ele está em mim.

Sou a sensualidade que atrai e desperta o desejo, também sou no homem e em tudo que é masculino. Acima de tudo sou altivez, força, poder e liberdade de ser e viver em plenitude.

Um ser sem desejos é inerte, sem vida, sem estímulos, sem movimentos. Até mesmo os vegetais têm estímulos, se atraem uns pelos outros e manifestam vontades. Humano sem estímulos, desejos e vontades não é mais humano.

Desejo é o que move a humanidade desde a hora que acorda, como o desejo de levantar-se até a hora de dormir, com o desejo de descansar.

A vida sem o desejo de estar vivo, o que seria? Cada célula compartilha o desejo de estar viva, todo aquele que começa a perder esse desejo de viver logo adoece, células, órgãos, sistemas vão desistindo da vida.

Os sentimentos que partem do mental são compartilhados por cada átomo do ser, cada célula tem uma consciência do todo e das partes, como uma rede de informação que percorre por seu DNA, alcançando corpo, mente, espírito e emoções.

O desejo de ir além de si mesmo, de transcender-se, está na busca por respostas existenciais, o desejo de ser mais do que um ser humano, o desejo de crescer, evoluir e ascender para realidades maiores.

Sou o êxtase dos amantes, o vinho que embriaga místicos, sou o prazer dos amantes da Deusa e do Deus!

Loucos divinos, embriagados pelo sagrado, que desejam ardentemente ser possuídos pela divindade, para a qual se entregam com paixão.

Sou amante divina, fogo que arde e não queima, chama que não consome, sou a centelha divina da vida que dá força e energia.

Sou a serpente de fogo, Kundalini, que sobe do chão ao céu em você, explodindo em êxtase profano, sagrado, carnal, espiritual, natural e divino.

Sou Pombagira!!!

5 - Lilith, Asherat e Pombagira

O que elas têm em comum?

As três Deusas foram caladas, difamadas, caluniadas, malditas e condenadas ao "inferno" pela cultura e religiosidade judaico-cristã.

Provavelmente você não conhece Lilith ou Asherat, com quase toda certeza o que você ouviu sobre Pombagira é pejorativo.

Em culturas pré-judaico cristãs, as Deusas possuíam a mesma importância que os Deuses.

O homem convenceu a mulher a ficar quieta em casa cuidando dos filhos, enquanto ele vai à caça, ao trabalho, à selva ou à rua. Convenceu a mulher a mandar na casa enquanto ele manda na rua. Ela para dentro e ele para fora. O homem solto na rua e a mulher presa dentro de casa. O homem manda em sua liberdade e a mulher manda em sua gaiola.

Isso é tradição patriarcal, todos que vivem um paradigma opressor condenam os que vivem fora do paradigma, do modelo e da tradição.

Fato é que o homem criou uma sociedade em que a mulher não tem voz nem espaço, isso já surge na cultura grega, romana, judaica, ocidental e oriental.

A capacidade biológica de gerar em seu ventre e dar à luz torna as mulheres deusas para seus filhos. Um homem só existe porque foi gerado e amamentado por uma mulher, sua provedora absoluta até que haja o desmame. Em eterna crise de baixa autoestima, o homem, sentindo-se menos que a mulher, tratou de sufocar o poder feminino; fez isso na sociedade e usou a religião para fazer valer seu machismo, sexismo, patriarcado e misoginia.

Usou a desculpa de ser o guardião da família e colocou a mulher em submissão.

Não apenas a mulher é diminuída, mas também a Deusa e as deusas. Em toda cultura ocidental judaico-cristã já não existe Deusa, apenas Deus,

resultado de uma conspiração muito bem pensada no processo histórico-teológico de dominação masculina.

O homem tem medo da mulher, esse medo está na raiz das agressões; ele sabe, aquela mulher merece muito mais da vida. Não suportando a si mesmo nesse processo de subjugar e reduzir a mulher à menos, algo menor que ele, já tão pequeno, parte para a agressão física e verbal.

Essa agressão, redução e demonização da mulher aparecem nas lendas mal contadas de Deusas quase esquecidas, vítimas desse machismo patriarcal.

Lilith, uma Deusa sumeriana, foi reduzida à primeira esposa de Adão, conforme aparece no Talmude e em outros textos da sabedoria judaica e da Kaballah.

Diante de uma Deusa, Adão tremeu e não soube o que fazer; diz a lenda que Lilith não aceita ficar por baixo na hora do coito. Adão, assustado e aflito, corre para o Deus Pai e reclama sua posição de macho alfa, viril e patriarca. A partir daí Lilith passa a ser agredida, caluniada, difamada, demonizada, desqualificada em sua condição de Deusa ou mulher.

Adão, para se sentir seguro e " másculo", precisa de uma mulher submissa, assim seu Pai (Deus) faz uma mulher (Eva) de sua costela, quase um "apêndice" de Adão.

Eva, mulher, também não sairá ilesa nesse jogo de regras patriarcais; será considerada traidora, ardilosa, amiga da serpente, culpada da queda do paraíso.

Na intenção de demonizar Lilith, aparece nas lendas como a serpente que dá a semente do saber, da consciência, do livre-arbítrio, da transgressão, da alma, semente do humanismo, considerada semente da mentira, da traição, da mulher.

Graças a Eva, à serpente e à maçã, Adão pode ver a si mesmo, receber (Kaballah) sabedoria, tomar conhecimento de si e assumir o livre-arbítrio.

A palavra serpente em hebraico vem da mesma raiz da palavra sabedoria, a única diferença entre ler serpente ou ler sabedoria é a consciência de quem lê.

Apenas quando transgride uma ordem de seu Pai (Deus) é que Adão e Eva se tornam humanos. Errar, mentir, trair e transgredir estão na base do que é humano, livre e, ao mesmo tempo, presos a valores e conceitos criados para oprimir.

Mesmo submissa, é Eva quem escuta a voz da sabedoria, a serpente; isso também é usado contra Eva e contra Lilith.

Mas há outras interpretações que observam e analisam a psique humana.

Quando Deus proíbe o fruto de certa árvore, seria apenas para chamar a atenção do casal.

Se Deus é e sempre foi onisciente e onipresente, criador de tudo e de todos, logo a serpente está ali por uma determinação Divina; assim como suas palavras, o resto é apenas Deus conduzindo Adão e Eva por meio da única linguagem que eles conhecem, a linguagem da ignorância, o saber não vem antes do que é humano. Saber se conquista por meio de muitas vidas em busca da maturidade existencial.

Embora "puros", Adão e Eva são ignorantes. Lilith, a Deusa, volta para seus domínios e de lá assiste a tudo, ainda se reconhece na mulher que a procura na própria carne que em busca da Alma. Ainda cultuada em sociedades secretas de mulheres. Aguarda o dia de se mostrar e dizer essa lenda, esse mito de esposa rejeitada não a representa, a única lenda possível é: Lilith é Deusa, Rainha, Divindade, e Adão tão humano não soube como lidar com isso. A ignorância de Adão recai sobre seus filhos, afinal ser filho de Adão, Eva ou Lilith é apenas um estado de consciência, dos diversos arquétipos humanos que assumem identidade mitológica a partir do encontro entre humano, divino, sagrado e profano.

Eva, quando transgride, está seguindo sua alma, está mostrando a força da liberdade, está tornando humano, dando uma alma para Adão. Quem tem alma e segue o coração não pode ser refém de promessas vazias ou sem sentido, seguir a alma muitas vezes significa trair certa tradição, em nome da lealdade à sua alma.

Mas as Deusas não têm pressa, observam tudo com os olhos da eternidade, hoje elas estão reassumindo seu lugar e junto delas também a mulher volta a ocupar um espaço de poder e vice-versa.

Se Lilith é uma excluída, a Umbanda a acolhe e lhe reconhece Deusa Pombagira. Não apenas acolhemos, cultuamos, louvamos, reverenciamos, invocamos, chamamos, clamamos e incorporamos seu poder e mistério.

Asherat é uma deusa cananeia e sumeriana, também chamada de Astarte, faz par com o Deus El, considerado "Deus Único" para os semitas e mais tarde judeus.

El Deus de Abraão, Isac e Jacó, chamado El Shaday, El Elion ou Elohin, é muito mais antigo que o Judaísmo e os textos da Torá ou do Antigo Testamento. El possuía esposa (Asherat ou Astarte) e dois filhos (Baal e Anat). O acadêmico semita, dr. Raphael Patai (antigo professor da Hebrew University de Jerusalém), sustenta que o acrônimo YHWH de Yahweh, como transmitido a Moisés, era originalmente uma referência consonantal a esses quatro membros da família divina. ¹⁰

Astarte, Asarot ou Asherat, a Deusa, é citada 44 vezes no Antigo Testamento, também aparece nas tábuas de Tell El-Amarna (cartas enviadas da Mesopotâmia para a 18ª dinastia de Faraós do Egito) e em textos cananeus de Ras Shamra. A presença da Deusa, seu culto e importância de igualdade com o Deus são inquestionáveis.

Pesquisas arqueológicas na região do Templo de Salomão comprovam, no período em que foi construído (1000 a.C.) e durante muito tempo depois, que havia culto doméstico na maioria das residências à Deusa Asherat ou Astarte. Esse culto seria totalmente extinto e considerado repulsivo após o exílio babilônico, em que o povo judeu se identifica por meio da organização e escrita final da Torá, Bíblia Judaica. No Pentateuco, em várias passagens é condenado o culto a Asherat ou Astarte, a ênfase se dá no fato de que a Deusa era tão popular quanto o Deus. Asherat e/ ou Astarte é condenada ao "inferno" junto de Lilith e todas as outras Deusas, simplesmente porque o "feminino" não caberia mais como algo divino, agora uma exclusividade do Deus Pai Masculino El, YHWH ou Javé.

Agora Deus passa a ser exclusivamente Pai, não há mais uma Deusa Mãe nessa cultura judaico-cristã, isso cria um grande problema no relacionamento com o sagrado.

Ter Pai e não ter Mãe cria uma sociedade dura, patriarcal e machista. Existe um vazio existencial coletivo e afetivo com o Mistério Maior, e os sacerdotes sabem muito bem disso. Por essa razão na cultura judaica, de forma oculta, velada, principalmente para rabinos cabalistas, foi idealizada Sheknah, o lado feminino de Deus, quase desconhecido para leigos e que não chega a ser uma Deusa, mas resolve para uma casta de sacerdotes e rabinos conhecedores dos mistérios divinos.

Existem lendas muito interessantes sobre a Sheknah, uma delas diz que quando o templo de Jerusalém foi destruído, Sheknah desceu para acompanhar seus filhos, deixando IHHW (Deus) sozinho em seu posto celestial. Lilith, ao ver Deus solitário, sobe aos céus e vai lhe fazer companhia. IHHW deve ter regozijado com tão auspiciosa companhia.

As curiosidades e contradições não param por aí. Católicos criaram o primeiro modelo universal e romano de Cristianismo, no qual Jesus passa a ser considerado Deus, pelo fato que não poderia ser menor que Apolo ou Zeus para ocupar Roma, e sua mãe Maria agora é Nossa Senhora e Mãe de Deus. Resolvido o problema para esses cristãos que têm Jesus à frente de um "panteão" de Santos e Maria à frente de um "panteão" de Santas. Sincretismo sempre, tudo é sincrético em todas as culturas humanas em que história, arqueologia e antropologia só confirmam todos esses fatos.

Sempre tem uma "Maria" incomodando a mente perturbada de sacerdotes, que inventaram o celibato apenas para não dividir os bens da Igreja, Maria Madalena, amada por Jesus e sua discípula mais próxima, passa a ser considerada uma qualquer. Passa a ser tratada como uma "rameira" ou "vadia", sem nenhuma referência associaram-na à mulher adúltera que seria apedrejada. Com o tempo surgiram diversas teorias para desclassificar e ocultar o fato de que Jesus a fez discípula bem-amada.

Em alguns textos apócrifos encontrados em Nag Hammadi, como o "Evangelho de Maria Madalena"¹¹, Jesus beija Maria Madalena na boca e causa ciúmes nos demais discípulos. Pedro questiona por que há uma

mulher ali, mulheres não podem se sentar com homens para estudar. Jesus responde que faz de Madalena um homem, ali em sua comunidade essa mulher (e outras) tem os mesmos direitos e respeito que os homens.

Jesus, Yeshua, tão humano será engessado, eternamente pregado na cruz, imóvel, sem vida, sem liberdade, sem amor pelos desvalidos e marginalizados. Jesus é "desjesuizado", coisificado em uma coisa "divina", passado para a condição de Deus, inventa-se uma trindade para prendê-lo lá na segunda pessoa.

Nasce o "Jesus, Cristo, Romano e Divino", inalcançável, e morre o "Jesus, Yeshua, Judeu e Humano" tão próximo. O Cristo é oposto às minorias, passa a ser um Deus opressor, manipulado por um clero opressor, em parceria com a monarquia opressora, em uma nova conspiração de dominação do mundo ocidental, o mundo patriarcal.

A virgindade de Maria elevada à condição de Mãe de Deus e Nossa Senhora é também um absurdo teológico, considerado dogma para nunca ser questionado. Parece que as pessoas precisam acreditar em absurdos para dizer que têm fé ou valores. A construção da virgindade da santa é uma crueldade do ponto de vista humano, a mulher que deixa de ser virgem imediatamente deixa de ser santa ou pura. A virgindade passa a ser a medida de valia da mulher.

Sexo sem amor ou sexo apenas por prazer passa a ser considerado pecado, catolicamente sexo serve apenas para procriar, logo a mulher não pode ter e muito menos demonstrar prazer, jamais um orgasmo. Afinal, o homem não saberia o que fazer com isso.

A ideia de virgindade faz parte dessa estrutura bem pensada de opressão, submissão e controle da mulher.

Na época em que Maria engravidou, Jerusalém foi invadida por Roma e os soldados romanos estupraram muitas mulheres judias; uma vez que estavam grávidas, para garantir a descendência e perpetuar a cultura judaica, os sábios rabinos consideraram que: todo aquele que nascer do ventre de uma judia seria judeu, independentemente de ter pai conhecido ou não. Como essas crianças não tinham pai, convencionou-se dizer que eram todas filhas de Deus. Assim não apenas Jesus, mas também todos os outros

frutos de estupro são filhos de uma judia com Deus. Essa é provavelmente a única teoria aceitável pela qual se explica a origem de "Jesus, filho de Deus".

Vamos estudar antes de engolir goela abaixo um dogma de religião alheio à nossa. Não somos católicos, portanto podemos alcançar e aprofundar um olhar crítico que permita ver a construção histórica de dogmas, tabus, paradigmas e valores que não nos servem e muito menos nos representam. O fato de que criamos muito apego a tudo que acreditamos por muito tempo torna tão difícil desconstruir velhas e inúteis verdades, mesmo agora que se resgata toda a ideia de existência da Deusa fica a pergunta: e agora, o que você faz com isso?

6 - Quem é Deusa?

A arqueologia religiosa realizada na região onde existiu o Templo de Jerusalém aponta que as famílias mantinham culto doméstico para a Deusa Mãe Asherat, companheira do Deus Pai El ou Elohim (Deus de Abraão, Isaac e Jacó), mais tarde IAVÉ ou JAVÉ (YHWH - Deus de Moisés).

Não precisa ir tão longe em pesquisas, na Bíblia há cerca de 40 citações à Deusa Asherat, muitas estão no Livro de Reis, onde um rei aceitava o culto de Asherat e Astarte, posteriormente outro rei condenava o mesmo culto, alternando períodos de liberdade e castração à Deusa Mãe Asherat.

Aceitas ou não pelo patriarcado sacerdotal do templo, a Deusa Asherat e outras Deusas, como Astarte e Lilith, sempre foram presentes e cultuadas por aquele povo semita, sumeriano e cananeu.

Em 609 a.C., o rei Nabucodonosor II escraviza os semitas, cativos por 70 anos na Babilônia; anciãos passam a escrever, registrar e organizar textos sagrados em hebraico, sua língua de origem, para preservar a cultura e criar identidade judaica em torno do livro sagrado Torá, a Bíblia Hebraica. Enquanto isso, os jovens falam o aramaico do opressor e passam a sincretizar seus valores culturais e religiosos com os de origem.

Em 538 a.C., os judeus são libertos por meio de Ciro II, o Grande, agora estão em contato com os persas, que possuem o Deus Bom Ormuz e o Deus Mau Arima. Essa dualidade maniqueísta vai inspirar textos apócrifos judaicos, como o Livro de Enoque e o Livro de Jubileus, trazendo a lenda de um Anjo Caído que se opõe a Deus e dá base para a tardia construção, católica romana, de um arqui-inimigo de Deus, conhecido como Lúcifer, uma releitura católica do persa Arimã.

A ideia de um demônio poderoso das Trevas ou Inferno que se opõe ao Deus da Luz e do Céu começa a ganhar espaço no imaginário judaico-cristão, como ferramenta de conversão e opressão na estrutura: pecado, Diabo, inferno.

Nesse período é retomada a conspiração do patriarcado que evoca, nos textos agora sagrados, as figuras de Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi, Salomão, legitimando uma sociedade machista na qual os homens assumem o poder religioso, legal e secular do povo judeu e sua descendência em detrimento da mulher.

Os textos condenam o culto a outros Deuses e condenam também qualquer culto a uma Deusa Mãe, seja ela quem for. O Deus Pai é ciumento, agressivo e possessivo, um perfil psicólogo frágil e infantil.

A mulher será oficial e legalmente submissa ao homem. A divindade lhe será negada, ali a Deusa não existe mais, foi suprimida e cassada oficialmente.

A mulher já foi livre, selvagem, feroz, indomável como Asherat, Astarte e Lilith.

O homem diminui a mulher com lendas que a condearam como traidora, semente do mal, cobra, perversa; seu objetivo era controlar, domesticar, doutrinar por meio de textos dogmáticos de ordem machista, sexista e misógina.

E foi assim que nasceu essa cultura patriarcal judaica, repressora, a da mulher e da Deusa, sua divindade.

Dá para entender por que foi criado um culto exclusivo ao Deus Pai El, Elohim ou IAVÉ, sem uma Deusa Mãe? Dá para entender que rezar para um único Deus Pai reforça uma cultura patriarcal e opressora, contra a mulher e sua divindade?

Dá para enxergar uma conspiração?

Se você não consegue ver isso pode parar de ler este livro, o pior cego é aquele que não quer ver. Para quem não quer ver o que está bem à sua frente, nenhuma palavra serve.

Como poderia haver um Deus Pai sem uma Deusa Mãe? Se um Deus é Pai é porque em algum momento ele teve uma companheira, Deusa Mãe. O que fizeram com essa Deusa Mãe?

Assassinato teológico?

Mataram a Deusa Mãe?

Condenaram-na às masmorras do Sheol ou inferno?

7 - Restabelecendo o Culto à Deusa

É perverso, cruel, ardiloso. A mulher é escravizada pelo patriarcado ao homem, deve servi-lo, cuidar da casa e garantir sua descendência por meio de sexo e procriação. Não tem voz perante a comunidade, não pode se expressar e vive como uma propriedade, como um bicho que foi domesticado.

Não foi nem é fácil para a Deusa e suas filhas, não é fácil para a mulher e sua divindade existir no mundo dominado pelo homem e seu Deus ciumento, mesquinho, vingativo e cruel.

A Deusa não morreu, Ela vive dentro de cada homem e cada mulher.

Sábios judeus passaram a reconhecer a falta da Deusa Mãe, a divindade feminina; reconhecem que Deus Pai tem um lado feminino, Shekinah, no entanto é um segredo revelado a uns poucos eleitos, estudiosos, místicos ou cabalistas.

Esperalhões romanos cristãos elevaram um judeu, Yeshua, Jesus, profeta do povo e homem da periferia, à condição de Deus.

Romanos não poderiam rezar para alguém que fosse menor que o Deus Apolo, Jesus será o novo Apolo em uma nova e sincrética religião católica romana.

Entre romanos não é possível cultuar o Deus Pai sem cultuar a Deusa Mãe, é contra qualquer racionalização do mundo mitológico dos deuses greco-romanos e metafísico de seus filósofos.

Com a necessidade de ocupar o lugar vago da Deusa, Maria, a Mãe de Jesus, será considerada a Mãe de Deus, o mais próximo possível de uma Deusa.

A nova Deusa é virgem, casta, recatada, do lar, obediente e submissa. Maria Imaculada, intocada, é idealizada como o novo modelo de mulher que continuará sem voz, sem expressão, oprimida e obediente à lei, à tradição e ao marido.

A Deusa está ali, engessada, contida, controlada em Maria, Mãe de Deus. Se há uma divindade feminina ela é pura, casta e virgem. E assim como todas as santas, seu corpo e sua sexualidade não lhe pertencem, pertencem ao Deus Pai e às leis do patriarcado.

Mas a Deusa, com sua fúria natural selvagem e sua liberdade, não morre nunca. Ela existe e continua exercendo seu poder nas outras culturas: africana, nativa, aborigene, indígena e oriental, como nas diversas hindus.

Por meio de seus mil nomes e faces, vai aos poucos, ao longo dos milênios, cercando essa sociedade patriarcal; a Deusa continua viva com toda a sua fúria e sede de retornar à vida, no íntimo de cada mulher e homem.

Por meio de muitas Deusas, a Deusa vem despertando suas filhas e filhos para uma realidade maior em que Deus e Deusa são duas faces de uma mesma fonte, poder e energia.

O homem não deve subjugar a mulher e vice-versa; no entanto, no estado atual de opressão e submissão, é necessário enfatizar a mulher e a Deusa até que se restabeleçam o equilíbrio e a harmonia entre mulheres e homens, entre Deusa e Deus, entre feminina e masculino.

O poder maior transcende feminino e masculino, no entanto se manifesta por meio dos dois e além do binário, além da questão de sexo ou gênero.

A Deusa vive em Asherat, Astarte, Lilith, Vênus, Afrodite, Ísis, Freyja, Kali, Durga, Inana, Brighid, Oshum, Iyami ou Pombagira.

A Deusa vive em cada uma de nós, em nossa alma, nunca será morta; por meio desse saber é nosso dever, direito e liberdade restabelecer seu culto.

A Deusa Mãe vive e se manifesta por meio de Maria Mãe, Maria Madalena, Santa Bárbara, Santa Sara Kali, Logunan, Oshun, Obá, Oroiná-Egunitá, Iansã-Oyá, Nana Buroquê, Iemanjá, Iyami, Ajé, Iya Mapô, Iyá Obo e Pombagira entre todas as mil faces.

E você, agora que sabe de tudo isso, vai fazer o quê? Continuar rezando apenas para um Deus Pai? Vai continuar negando a divindade da

Deusa? Vai negar a divindade de Pombagira?

8 - Prostitutas Divinas

Desde sempre o homem recorre a profissionais do sexo e, desde sempre, as considera o que há de pior na sociedade, porque elas não possuem "dono" nem são "submissas".

O mesmo homem que procura seu serviço "à noite" a condena "de dia" e volta na outra noite, para continuar condenando nos outros dias de hipocrisia, diante das outras mulheres que dormem "à noite" e também criticam as que não "dormem".

Foi criada a imagem da mulher imaculada, pura, virgem e submissa como ideal da "santa", oposto da "puta".

É assim que Lilith, Astarte, Asherat e Pombagira são consideradas e chamadas de "prostitutas do Diabo", "Mulheres Demônio", "esposas de Satã" e "encarnações do mal", entre outros adjetivos.

Desde que se deturpa a imagem da mulher forte e independente é estabelecida uma hipocrisia social, na qual se desdenha exatamente daquilo que se deseja "possuir" ou se tornar, de forma oculta ou inconsciente.

As mulheres "domesticadas", "domadas" e "submissas" entram nesse jogo perverso e temem perder seus maridos para as "outras", insubmissas. Nesse modelo perverso para todos e todas, criam-se sociedades com ideais de moral cada vez mais hipócritas.

Isso deu tão certo que a "profissão" mais antiga da humanidade continua sem regulamentação ou direitos na maioria dos países. Mulheres que escolheram ou que têm a prostituição como única escolha para sobreviver ou criar os filhos até hoje não possuem nenhum direito profissional e muito menos o respeito perante a sociedade.

Será mesmo que é responsabilidade do Estado regulamentar aquilo que uma mulher ou homem adultos fazem de seu corpo? Ou isso é mais uma "Lei Moral" de origem "religiosa", que por um atestado público de hipocrisia moral constituída e chancelada pela Constituição teima em permanecer como Lei? Quem ganha e quem perde com isso?

Pombagira é a imagem da mulher forte e independente, e essa imagem está hipocritamente associada a algo pejorativo, que de maneira automática se associa à imagem da "puta!".

O resultado é que enquanto leigos da religião chamam Pombagira de "puta", religiosos leigos da vida gritam "Pombagira não é puta".

Pombagira não pode ser prostituta pelo fato de que não tem um corpo para vender, não é uma mulher encarnada; no entanto, o arquétipo Pombagira é de força, poder e altivez feminina. Independentemente de qual profissão aquela Pombagira exerceu em uma de suas vidas, do que fez ou foi feito de seu corpo.

Ninguém pode afirmar o que um espírito fez ou deixou de fazer em suas encarnações, por conta de ser hoje uma Pombagira ou uma Cabocla. É possível haver Caboclas que foram prostitutas em algumas de suas vidas, assim como Pombagiras que foram índias, santas, freiras, etc. Ser Cabocla ou Pombagira não tem nada a ver com quem foi ou o que fez na última ou em outras encarnações.

Todos nós nos prostituímos para agradar a alguém, para comprar ou vender ideias, e não há prostituição maior que relacionamentos ou casamentos sem amor. Pior quando os segundos ou terceiros interesses não são bem claros.

Enquanto não aprendermos a respeitar as escolhas de cada um e a forma como cada um escolheu viver sua vida, mesmo que oposta ou diferente da nossa, seremos medíocres, tacanhos e infantis.

Mesmo que eu não concorde com as escolhas de vida da outra pessoa, não posso condená-la por isso.

Ruim é o que agride a si mesmo ou o outro, uma situação que para uns é ruim, para outros pode não ser.

Aprender a respeitar as escolhas de cada um está no campo da ética, e não da moral ou moralismo.

9 - Chamam-me Puta

Homens e mulheres que não querem enfrentar seus medos mais profundos, que não venceram ainda seus demônios, dizem seguir Jesus, servindo ao senhor das ilusões. No fundo de seus discursos frios e rasos, no calor exclusivo do ego, desejam ser possuídos e se entregar às mesmas tentações que Jesus venceu no deserto.

Homens e mulheres que se dizem cristãos todos os dias compram e vendem Jesus.

Atacam pedras nas Marias Madalenas, nos marginalizados, simples, humildes, pequenos, crianças, nas outras filhas de Maria, porque não possuem as mesmas verdades ou os mesmos padrões morais.

Os fariseus de hoje são cristãos com os mesmos textos decorados para agredir samaritanos da seara alheia.

Pregam santidade inalcançável, constroem abismos existências dentro de si, criam demônios que habitam sua mente perturbada.

Obcecados pelo desejo de expulsar seus demônios, frustrados ao ver que eles sempre voltam; ignoram o fato de que cada desejo reprimido cria e traz de volta os mesmos demônios.

O medo de novos demônios os impede de conhecer outras verdades, o medo de enfrentar seus demônios os mantém reféns dos mesmos velhos e conhecidos demônios.

Coragem é a arte de seguir seu coração; onde falta coragem, faltam alma, amor e virtude.

Agredir quem tem coragem de entender ou viver seus desejos só faz aumentar o tamanho de seus monstros e demônios.

Religião se tornou a casa do medo, um conjunto de regras e dogmas para enjaular pessoas; uma vez presas nascem seus demônios, quanto mais presas mais fortes se tornam seus demônios e mais forte precisa a jaula.

De dentro da jaula se constroem doutrinas para atacar tudo e todos que não vivem na mesma gaiola.

Para quem vive na gaiola, liberdade é doença que corrompe a alma. Valores invertidos de quem não aprendeu a voar e sempre quer cortar asas alheias para tudo enjaular.

Falsos cristãos, sem alma, sem liberdade, sem vida, mortos e cegos; com seus medos ensinando e propagando desamor, separando famílias em nome de valores retrógrados, pobres, mesquinhos, medíocres, egoístas e distorcidos em sua mente torpe e perversa.

São ávidos por poder, autoritarismo e consumismo; querem ter possuir coisas e pessoas para se sentir menos lixo dentro de suas gaiolas de ouro e joias construídas com seu falso moralismo forjadas na hipocrisia social, patriarcal, colonial, racista, misógina e machista. Podem ter tudo o que quiserem, mas apenas o ser, tornar-se o outro é que pode libertá-los desse aprisionamento.

Hipócritas me chamam de puta, demônia, vadia, rameira e, na calada na noite, procuram minhas filhas para satisfazer seus desejos mais baixos e aumentar seu abismo existencial.

Em um mundo invertido, vejo a puta e a santa em papéis trocados. Santas que prostituem a alma ou putas que prostituem o corpo.

10 - Santa ou "Puta"?

Pombagira é "puta"!

Dizem aqueles que me odeiam.

Pombagira não é "puta"!

Dizem os que me amam.

Eu não vejo diferença entre a puta e a santa.

Não olho o exterior, mas o interior de cada ser.

Não sou encarnada, não tenho corpo para vender.

Não sou deste mundo, mas sou mulher no sentido mais forte e profundo, sou mãe, irmã e filha.

Quem diz que sou "puta" de forma pejorativa não me conhece, muito menos sabe o que é a vida de uma "puta".

Quem diz que não sou "puta", como resposta aos outros, em minha "defesa", manifesta seu apreço, carinho ou amor e também manifesta preconceito com a "puta", que pode ser a "profissional do sexo" ou simplesmente uma "mulher livre", "indomada" e que não aceita um "dono".

Não me defendo, não ataco a hipocrisia alheia, infantil, cheia de dores e podridão; como água parada, seu moralismo cheira a flor de defunto.

A morte ronda tudo que é vivo, mas nada pior que mortos na alma, podres em espírito, peçonhentos no pensamento.

Jesus veio da periferia e andava com prostitutas, mendigos, ladrões, leprosos e cobradores de impostos.

Maria Madalena foi considerada "puta"; se ela foi ou não ninguém sabe, a única certeza é: Jesus não faz diferença, ele a ama e demonstra isso publicamente.

Putas ou santas, pouco importa, sou Pombagira.

Quando você olha para mim, vê apenas o que há em seu íntimo; se vê "puta", está aí algo mal resolvido, se vê santa", também está mal resolvido, se vê mulher ou Deusa, sou eu, Pombagira.

11 - Pombagira Imoral

Observações do autor

O conceito "Alma Imoral" aqui expresso faz parte do livro de mesmo nome do rabino Nilton Bonder,¹² que também se tornou peça de teatro, interpretada pela querida e impecável atriz Clarice Niskier, em cartaz há mais de dez anos. Após ler o livro e ver a peça, eu alcancei um entendimento ou um estado de consciência da relação entre "Alma Imoral" com o mistério Pombagira manifesto, no arquétipo, nas entidades e na Deusa.

Antes ainda do texto, vamos lembrar o que é ÉTICA ou MORAL.

A maioria das pessoas não sabe a diferença de Ética e Moral, elas acreditam que seus valores morais as elevam ao Céu ou condenam ao Inferno, este é o grande problema entre religiosos, que os torna hipócritas e cria a sombra da qual surgem os maiores monstros e "demônios" pessoais e sociais.

Ética é não fazer ao outro o que não quero para mim, é ser justo. Moral é um conjunto de valores que mudam conforme a cultura, época ou lugar. Há grupos que possuem valores morais diversos em uma mesma época e sociedade. Por exemplo, a comunidade LGBTI possui valores morais muito diferentes dos valores morais católicos, e é possível que ambos os grupos tenham ética se souberem se respeitar mutuamente.

Agora vamos entender onde entra o conceito de "Pombagira Imoral". Para facilitar as várias interpretações precoces, adianto que será Imoral sob o ponto de vista desse moralismo escroto e hipócrita, que vigora na sociedade em geral. Se você se encaixa nesse grupo moralista (hipócrita) pode fechar este livro aqui mesmo, esta leitura não serve para quem não está em busca de sua verdade, acima das mentiras sociais, modelos e arquétipos falidos.

Dispa-se de seus tabus e preconceitos ou feche este livro!!!

Se você ainda está aqui, vamos ao texto Pombagira Imoral:

Falar de Pombagira é o mesmo que falar da mulher em sua essência mais bruta, nua e crua!!!

Pombagira representa os desejos da Alma e não do Corpo. O corpo está para a tradição, assim como a alma está para a transgressão. Seguir a alma é seguir o coração e, para tanto, não existem regras nem tradições que o segurem.

Em relação ao corpo e às regras, a Alma é Imoral, assim como o coração. Seguir o coração é de Oxum, seguir a Alma é de Pombagira. O coração é sua verdade que procura se acomodar no mundo, a alma é algo visceral, avassalador e que não se acomoda.

Quem entra em contato com a própria alma sente que não é deste mundo. O mundo da alma é outro mundo, além da matéria, do corpo, da mente e do espírito tão presos, escravizados, no mundo das formas, matéria, valores, verdades fugazes e passageiras. A alma é eterna, sabe o que tem e o que não tem valor perante a eternidade. Alma não se comunica por meio de palavras ou pensamentos, nem emoções ou sentimentos. A alma possui uma transmissão especial só dela, portanto, inexplicável em palavras, contente-se com isso e vá em busca da sua.

Pombagira transgride toda a tradição, pois traz fidelidade à sua alma, onde estão seus desejos mais puros e honestos.

Pombagira trai a letra da Lei para ir ao encontro do espírito da Lei. Algo como o sábado feito para o homem e não o homem para o sábado, mais vale o que sai da boca do que o que entra nela; atire a primeira pedra da lei quem não tem pecado.

Pombagira segue a Alma da Lei e a Lei da Alma; verdade que está encoberta por falsidades e hipocrisias do corpo, do mundo, da corporeidade, matéria e sociedade.

Pombagira ri, gargalha ao ver alguém tentando encobrir a si mesmo, ao mesmo tempo que ela o vê "nu" à sua frente. Enxerga com nítida transparência todos os movimentos do ego, do medo e da dissimulação. Resultado de uma sociedade opressora, castradora e repressora.

A transgressão de Pombagira representa a desrepressão do ser oprimido por leis tortas, convenções e máscaras sociais.

Por isso, Pombagira é rainha e reina absoluta em sua alma.

Pombagira rege o interior, o lado interno de tudo na criação, a alma de cada ser ou coisa tem Pombagira.

A alma anseia por liberdade, Pombagira o(a) empodera para realizar esse desejo da alma.

Pombagira não é submissa, equilibra a tensão entre lei, liberdade e respeito.

Pombagira o(a) liberta do que o(a) oprime e lhe oferece a liberdade de ser você mesmo(a).

Pombagira mostra o lugar dos Desejos da alma em face do respeito ao corpo.

Pombagira mostra que o corpo é sagrado e que consciência de liberdade não exclui disciplina de liberdade.

Pombagira o(a) ajuda a entender seus desejos reprimidos e lidar com eles na tensão entre o que é o bom e o que é certo.

Pombagira não está na tensão entre o certo e o errado, está entre o bom e o certo. Nem sempre o que é bom também será correto, nem por isso é errado e, ainda assim, o que é certo para um pode não ser para o outro. O errado é relativo e varia de pessoa para pessoa, de uma realidade a outra, no tempo e no espaço. Por isso Exu faz o certo virar errado e o errado virar certo. Pombagira pouco se importa com o certo ou o errado, ela vai direto no que é bom para sua alma.

Pombagira representa essa liberdade de ser quem você é! A busca por sua alma que se confunde entre desejos, estímulos e prazeres.

Pombagira está presente nos desejos da alma momentâneos ou imanentes, pequenos ou grandes, superficiais ou profundos. Só não está presente nos desejos do ego e da destruição gratuita.

Pombagira não é submissa, mas também não exige ou impõe submissão aos seus desejos, Pombagira é livre e presa à liberdade alheia.

O empoderamento feminino de Pombagira vem ao encontro de homens e mulheres, nos quais o feminino é algo presente em ambos.

Negar que existe algo feminino em si é desempoderar o contato com sua alma e seus desejos.

Estudar e conhecer o mistério Pombagira é apenas para os fortes, para quem consegue ir além de tudo que já considerava dado como certo!

Verdades são apenas velhos ou novos paradigmas; cada vez que superamos uma verdade pequena por uma verdade maior ganhamos novos e maiores horizontes!!!

Consciência é tudo para o ser consciente, inconsciência é tudo para o inconsciente. Da inconsciência para a consciência há uma longa jornada e nesse caminho, está Pombagira bem à nossa frente.

Nome, roupa, aparência, elementos de trabalho, bebida, vela, flores, perfumes, é tudo externo e superficial, a realidade última de Pombagira é interna e profunda.

Quem se preocupa com o externo, a aparência, convenções e tradições jamais entenderá o que é Pombagira.

Pombagira é algo interno, que não se adéqua a nenhuma tradição, que não aceita formalidades e jamais se acomoda em zona de conforto.

Pombagira é a Alma de tudo o que existe, representa transgressão, imoralidade e quebra de todas as tradições, convenções e moralidades perversas, pervertidas e hipócritas.

Imoral é a verdade quando a moral representa a mentira, a falsidade e a aparência.

Existe uma Pombagira em todos nós, homens e mulheres, resta saber se reprimo ou se assumo meus desejos e prazeres.

Desejos, êxtase e estímulos estão na base do mais humano, carnal e visceral nesse animal não tão racional que busca satisfação momentânea,

realizações duradouras e vida plena.

Pombagira é tudo o que ela quiser, só não é submissa, e isso alcança homens e mulheres no empoderamento de si mesmos em busca de tornarem-se o que são em sua essência ancestral.

Há um desejo que permeia tudo na criação; o desejo da alma aliado à força de vontade, vindo de suas entranhas e atitude de coragem, de seguir o coração, traz o poder de realização para sua vida.

No campo das realizações pessoais, a presença de Pombagira traz o poder de ir ao encontro de alma com outras pessoas e de alcançar a alma das diversas realidades.

Nenhuma vela, flor, bebida ou oferenda pode agradar mais que a sua verdade, amor e dedicação sincera.

Pombagira está na encruzilhada de três pontas e em todos os triângulos que abrem a possibilidade de espaço físico, geométrico e mágico.

Pombagira é a terceira margem do rio onde está a terceira opção e o lado interno de tudo, além de toda dualidade.

Pombagira é Lilith, que não se coloca abaixo de Adão e ampara a todos que transcendem a "supremacia" machista. Pombagira não é o que você quer!

Não é o que você acha. Você não a desvela, é ela que se revela quando quer.

O lema: "Decifra-me ou devoro-te" da esfinge é palavra de ordem no mistério Pombagira.

"Faça o que tu queres, pois há de ser o Todo da Lei", de Aleister Crowley, é uma das formas de Pombagira lidar com o ser humano.

"Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses", a inscrição do Templo de Delfos dedicado a Apolo revela um dos caminhos para conhecer Pombagira, em si mesmo(a).

12- Nova Consciência

Antes de lançar Exu não é Diabo, já havia separado textos sobre Pombagira para este livro.

Exu não é Diabo mudou minha vida, foi o livro mais vendido da Madras Editora na Bienal do Livro de São Paulo, em 2018; esgotou a primeira edição em três meses.

Eu entendi minha responsabilidade de ensinar conceitos, fazer releituras e curar preconceitos. A palavra mata, mas ela também ressuscita, eterniza e traz uma nova consciência.

Nova consciência! Era isso que ficava na minha mente, a todos eu dizia: "Vou escrever um livro sobre a Pombagira", "Para quando?", "Para a próxima bienal!", "Mas já?", "Sim", era minha resposta pronta.

Como escrever sem inspiração? Impossível sair coisa boa, só de mim, para falar de algo que está além de mim.

A Pombagira, uma delas com quem tenho a honra de conviver, disse: "Você precisa de uma nova consciência para escrever sobre nós, antes disso você não escreve"!

Dava um mini desespero, ansiedade, o que fazer? Nenhuma dica, nenhuma pista. Uma nova consciência? Mas como? Qual?

Relendo meus textos antigos sobre Pombagira, tudo me parecia tão infantil, tão repetitivo: "Por que a Pomba-gira bebe", "Por que a Pombagira fuma", "Por que a Pombagira incorpora", "Por que a Pombagira rebola", "Por que a Pombagira encanta", "Por que a Pombagira tem sete maridos", "Por que a Pombagira é do bem", "Por que homem tem Pombagira", "Por que Pombagira é da esquerda", "Por que Pombagira é de Umbanda", "Pombagira nua ou vestida", "Pombagira sensual ou vulgar", etc.; já estava tudo escrito, mas não era nada daquilo que a Pombagira queria para um novo livro.

Meu Mestre, Rubens Saraceni, em memória e saudade, já havia escrito Orixá Pombagira, pela Madras Editora, eu não escreveria para copiar ou ser

repetitivo.

Ela falando em minha alma: "Novo livro, novo olhar, nova consciência".

Passei cinco meses esperando uma inspiração para escrever, de janeiro a maio de 2019. Sabia que ela também estava aguardando o momento certo para me passar algo.

Comentei com Aline Dutra, David Dias, Daniel Marques, Laura Carreta, Malu, Angela Peres, Taiane Macedo, Ana Calassi Garcia: Pombagira quer me passar algo, mas eu preciso de outra consciência para entender.

David Dias perguntava: "Manooo... Como é isso?" Não sei, meu tempo está acabando, este livro é para a próxima bienal (2019) e eu ainda estou aqui esperando, tentando ficar tranquilo, sossegado, facinho para ela vir e nada.

No dia 21 de maio de 2019, ela veio, era outra Pombagira, como descrevi no texto "Deusa Pombagira", eu a vi negra, nua, pele dourada, em minha cama, e não tinha nem tem nenhuma conotação sexual ou de provocação. Que loucura: sua palavra, sentimentos e pensamentos tão fortes que minha mente foi tomada por aquelas ideias, era impossível sexualizar aquele instante.

Lembrei-me de Clarice Niskier interpretando a peça Alma Imoral, do livro de Nilton Bonder. Tão nua, forte de sentido, provocadora de uma nova consciência; tão visceral, que a sedução se dá por sua alma e ideias, não por formas ou conceitos hipersexualizados do corpo feminino na sociedade patriarcal.

De alguma forma me identifiquei com ela: aquele corpo era meu também, jamais seria objeto, mulher reduzida ao corpo. Eu também sou Ela; teve início a nova consciência.

Pombagira provocou e trouxe em mim um novo olhar, de dentro para fora, nela mesma.

Uma nova consciência é a consciência dela, mulher, Deusa, Pombagira em mim.

Além de ver o mundo com seus olhos, entender seu lugar de fala, seu universo, seu mundo, sua consciência em mim.

Após me virar do avesso, rasgar minha alma e explodir minha consciência, com palavras de fogo; passou o texto "Deusa Pombagira". Ela toma minha consciência e fala na minha alma.

Ao fim dessa experiência, deu como sentença final: "Quer mais? Então estude Feminismo Negro".

O que é isso? Como ela faz isso e some?

Ela estava me preparando para a chegada de "Maria Preta", a Pombagira que vem tomando a frente de minha esquerda. Agora sei, foi ela, "Maria Preta", irreverente, debochada, rasgada, "nua" e "crua", "roots" quem disse NÃO, você não vai escrever sobre nós, você precisa de uma nova consciência.

13 - Feminismo Negro e Sagrado Feminino

Sagrado Feminino, por meio de sacerdotisas, literatura e ritual criou um universo em que a Deusa representa, para a mulher, conexão e consciência de si mesma, da natureza e sua divindade interior e exterior.

Feminismo é um movimento que já está em sua terceira onda, que teve muita repercussão nas décadas de 1970 e 1980 pela conquista de alguns direitos da mulher. Feminismo é muito mais que direitos iguais para mulheres e homens. "Feminismo é uma luta constante de mulheres e homens contra o machismo, o sexismo e o patriarcado".

Há quem pratique o sagrado feminino e desconheça o feminismo, assim como há feministas que desconhecem o sagrado feminino.

Há alguns anos, venho observando o sagrado feminino e procurando a Deusa em mim por meio das Mães Orixás. Todos e todas podem e devem buscar sua Deusa, independentemente de sexo ou gênero.

Parecia-me que faltava algo na estrutura intelectual do que se convencionou chamar Sagrado Feminino, ou faltava algo em mim para compreender com maior profundidade.

Agora, diante da Pombagira, eu vejo uma Deusa Dourada e ela exige: "Vá estudar o Feminismo Negro. Você precisa de uma nova consciência". Foi ela quem me estimulou, provocou, instigou a buscar esse saber, ou melhor, essa consciência.

Na livraria, de cara, me encantei com o Feminismo Negro. Abri o livro O Feminismo é para Todo Mundo,¹³ de bell hooks; na página 13 está lá (grifo meu):

"Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas".

Essa é a nova consciência que eu buscava. Senti-me emocionado com suas palavras. Um choque de realidade: eu não sabia que não sabia. Achava que sabia, até tinha certeza:

"Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão".

Não sabia o que era feminismo, sexismo, patriarcado, racismo, colonialismo, sororidade, eugenia, supremacia branca.

O Feminismo traz um tipo de reflexão e consciência sobre o que é essa sociedade colonial, machista, racista e sexista de base patriarcal judaico-cristã.

O atual Feminismo Negro é possibilidade de conexão entre Umbanda, Sociedade Contemporânea e Sagrado Feminino. É uma chave, um novo olhar, uma nova consciência para mim.

A Deusa foi calada e expulsa de nossa sociedade, de nosso mundinho medíocre. A Umbanda pode fazer seu resgate, estabelecendo um Sagrado Feminino unido à reflexão social do feminismo, com o amparo de Oxum, Iemanjá, Nanã Buroquê, Iansã-Oyá, Obá, Oroiná-Egunitá, Logunan, Pombagira, Cabocla, Preta-Velha, Baiana, Cigana, Oriental. Ainda não temos ideia do poder e das possibilidades do Sagrado Feminino na Umbanda.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, por meio de seu médium Zélio de Moraes, disse: "Não basta fazer diferença neste mundo, vocês querem levar isso para o lado de lá". O Caboclo estava se referindo ao racismo presente naqueles senhores espíritas. O grito do Caboclo é o grito sufocado por séculos, a paciência do Preto-Velho é a sabedoria de quem aguardou séculos apanhando sem perder a esperança. Nós reduzimos essa questão social tão grave a apenas representações de linhas de trabalho na Umbanda. Perdemos a indignação com o processo racista na sociedade e com todos os outros processos discriminatórios em que os umbandistas deveriam ser os primeiros interessados. Não temos cultura para isso. Rezamos para o Caboclo e sabemos o que sobre a condição dos povos nativos? Que opinião damos sobre demarcação de terras?

Se existimos como um "grito dos oprimidos", também devemos observar quem são os oprimidos, tomar consciência e assumir sentimentos, pensamentos, fala e atitude ativa em direção ao que a Umbanda pode fazer não apenas por nós, mas também por toda a sociedade.

E aqui a Pombagira é claramente o grito da mulher oprimida; o que sabemos sobre isso? Sobre o Feminismo, Sexismo, Machismo e Sagrado Feminino?

Pai Benedito de Aruanda, por meio de meu Mestre Rubens Saraceni, no livro *Guardião da Meia-Noite* diz que a linha de Caboclos é uma homenagem ao dono dessa terra, que foi dizimado, e a linha de Pretos-Velhos, uma homenagem ao africano que foi escravizado. Será que é só isso? Pretas-Velhas e Caboclas, apenas representação e homenagem. Serve para dizer: fiz minha parte com a sociedade, bato cabeça, peço a bênção e acho tão bonitinha a Pretinha-Velha e a Cabocla que vêm para ajudar com as dores de meu ego e problemas particulares?

É no mínimo infantil romantizar reduzindo pessoas a coisas, é a coisificação e o distanciamento de nossa realidade social.

A Umbanda quando está, distante de uma consciência social dos arquétipos evocados na figura do índio, do negro ou da mulher, por exemplo, transforma pessoas reais e sua luta social em fantoches de um teatrinho de autoajuda.

É isso? Uma religião que reverencia os excluídos, marginalizados, subalternizados, diminuídos, oprimidos, serve apenas para pedir bênção, conselho e passe? Também reverencia e, ao mesmo tempo, reduz e banaliza coisificando sua essência?

Não é possível que a Umbanda não produza consciência social, olhar contemporâneo, entendimento de quem sofre discriminação, preconceitos; quais preconceitos específicos estão presentes e enraizados de tal forma na sociedade que passam despercebidos?

Feminismo Negro e Sagrado Feminino, aqui, representam a união de todas essas realidades por meio de uma consciência que dê conta de entender onde estamos entre sociedade, Umbanda e sagrado feminino. É um

lugar de olhar, lugar de escutar, lugar de servir e lugar de falar para mulheres e homens que aprenderam seu lugar de fala.

Que homens, mulheres e pessoas de todos os gêneros, de mãos dadas, possam se conscientizar de sua condição na sociedade, diante de tanto preconceito, sexismo, racismo, patriarcado, colonialismo e LGBTfobia.

Vamos curar nossas dores, mas não apenas as "nossas", vamos juntos curar as dores sociais em nós e na sociedade. Curar em nós o que causa dor no outro, reconhecer quando reproduzimos ódio e violência gratuitos. Conscientizar-nos de que todos perdem quando um perde. Feminismo Negro associado ao Sagrado Feminino aqui é proposta de consciência de gênero, raça, classe e estrutura social. É atitude ativa permanente contra o que oprime ou diminui qualquer ser humano.

14 - Consciência Umbandista

"Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista" (Angela Davis).

Diante das desigualdades sociais, não basta tratar as pessoas com igualdade, é preciso tratá-las com equidade.

As pessoas não são iguais, dizer que são iguais é o mesmo que falar: "não quero ver as diferenças nem as discriminações, os preconceitos e intolerâncias da sociedade".

Ver diferenças e privilégios dá trabalho, é um convite para sair da zona de conforto.

Quando não sabemos o que é Umbanda ou Candomblé reproduzimos o preconceito ao chamar tudo de macumba. Quando não sabemos que o sacrifício animal é um abate religioso de animais que servem ao consumo da comunidade, como aqueles que estão no açougue, reproduzimos o preconceito acusando o outro de fazer "Magia Negativa" com o sofrimento dos bichos. Isso também existe, mas não se trata das religiões tradicionais de matriz africana (Candomblé) ou de influência afro (Umbanda).

Quando não sabemos o que é racismo, reproduzimos comportamento e fala racista sem nos darmos conta. As palavras mal empregadas denunciam isso, sem que você perceba. Isso fica gritante para quem já tem consciência negra, que é para todos uma consciência de que existe um racismo que permeia e se esconde de forma muito cruel em toda a sociedade.

Podemos falar o mesmo do machismo e do feminismo, não nos damos conta do que é o machismo pelo fato de que já estamos muito acostumados com a visão distorcida sobre o que é mulher. A mulher não é frágil, a sociedade a torna assim para ela não ter força diante do homem; cozinha e lavanderia são lugares de homens e mulheres; cuidar dos filhos é responsabilidade do pai e da mãe; se uma mulher é livre afetivamente ela tem o mesmo valor de outra que escolhe a castidade; virgindade não é sinônimo de caráter, muito menos de dignidade ou qualquer outro valor. O rito do casamento é um ritual de posse em que, no modelo tradicional

católico, copiado para a Umbanda, o pai, proprietário, da filha, a entrega para o noivo, seu novo proprietário, e a partir daí a sociedade considera que ambos têm obrigações um para com o outro, de casal. Na memória da sociedade, a mulher continua tendo a carga maior de obrigações, e pesa sobre ela o olhar do falso moralismo e hipocrisia social. Se essa mulher escolhe uma vida de solteira, é dito: "ficou para titia".

Todos já ouviram as frases e expressões: loira burra, mulher é falsa, mulher não tem amiga, tem mulher que dá motivo para apanhar, se acabou depois dos filhos, já sabe cozinhar já pode casar, trocou uma de 40 por duas de 20, mulher que bebe não presta, só engravida quem quer. E também adjetivos do mundo animal como: essa mulher é uma vaca, galinha, potranca, cavala, cadela, etc.

Precisa dizer mais? Feminismo é a consciência de todos esses machismos, de origem patriarcal, chamados de sexismo. Quando não temos essa percepção somos machistas, mesmo que passivos.

Agredir fisicamente é um extremo, há sutilezas perversas na sociedade, que passam despercebidas principalmente para quem não é mulher, gay, lésbica, trans, negro, índio ou nordestino na região Sul do país.

Sim, é preciso um dia do índio, porque todo dia deveria ser do índio, mas não é; todo dia deveria ser da consciência negra, mas não é; todo dia deveria ser do orgulho LGBTI, mas não é. É incrível como as classes que dominam o universo patriarcal, colonialista, imperialista e capitalista opressor reclamam sempre que qualquer classe de oprimidos se manifesta. Os opressores acusam os oprimidos de promover a opressão quando reclamam de vitimismo e "mimimi", reduzindo a dor do outro e ironizando sua manifestação ou reivindicação.

No dia 15 de novembro de 1908, o Caboclo das Sete Encruzilhadas incorpora em Zélio de Moraes e diz que, além de fazer diferença neste mundo, querem levar essa diferença para o outro mundo ao discriminar a Cabocla e a Preta-Velha. A partir daí se funda a Umbanda para receber os oprimidos e marginalizados da sociedade. Estamos exaltando Marinheiras, Boiadeiras, Malandras, Ciganas, Exu e Pombagira, além da citada Cabocla e Preta-Velha.

Dentro do templo fazemos um ritual que evoca, chama e exalta os excluídos e os marginalizados. Entre os médiuns de Umbanda quase não há índias e índios, negras e negros são minoria, bem como é Umbanda religião de classe média alta em sua maioria, na realidade contemporânea.

Ao sair do templo, qual consciência da realidade da negra e do negro, índia e índio, nordestinas e nordestinos no Sul, velhas e velhos, crianças abandonadas, da mulher na sociedade e da mulher negra e índia em específico? O que sabemos? Qual consciência temos? Nenhuma.

Falta uma "Consciência Umbandista" que reúna consciência negra, consciência indígena, consciência feminina, consciência dos oprimidos em nosso mundo fora do terreiro.

15 - Magia Negra

Magia Negra é o quê? Magia do mal? Magia do capeta, tinhoso, capiroto, cramunhão? Acostumamo-nos com palavras e um certo valor atribuído a elas sem questionamento.

Magia Negra é a Magia do Negro, e tudo que é negro já foi sinônimo de coisa ruim, do mal, negativo, degradante, perverso, atrasado, etc., por mais que alguma coisa tenha mudado, ainda é pouco. Parece sutil e é; no entanto, é nessa "sutileza" que mora o racismo, que ele se esconde, que passa despercebido para quem não é negra ou negro. É urgente uma correção dessa linguagem de significados racistas.

Se palavras com significado degradante insistem em permanecer em nosso vocabulário, aí está o racismo e ninguém assume ou se dá conta. Muitas vezes, ao alertar, ouvimos: está chato! Se está chato para quem apenas ouve sobre isso, imagina como está chato para quem sofre há gerações e séculos após ser tratado como coisa. E ainda hoje é coisificado em meio a palavras distorcidas com seus significados pejorativos de raça e etnias.

Negro é etnia, raça, Magia Negra é a Magia do Negro. Precisamos ressignificar palavras construídas a partir da realidade colonial patriarcal racista e escravagista. Não podemos mais aceitar que Magia Negra é sinônimo de Magia do Mal. Magia Negativa deve ser o termo correto.

Magia Negra deve ser a Magia da Negra, o que há de mais forte em sua magia é o poder da palavra, a importância do verbo, da entonação e significado com valor atribuído. Sua palavra e sua magia se aplicam em rezas, fórmulas mágicas, encantos e feitiços.

Na cultura mágica religiosa de todas as diversas tradições negras africanas, a palavra é reconhecida como veículo de axé (poder de realização), portadora de encanto e encantamentos, ferramenta de feitiço e cura.

O entendimento desse poder é o suficiente para observar a importância da palavra.

Esse saber é uma Magia Negra, Magia de Encanto, Fascínio e Beleza.

Saber quais palavras devem ser evitadas é o mínimo para leigos que têm um vago olhar na superfície do mistério que envolve a palavra.

Ao pronunciar algo, você é aquilo; saber parecido se encontra na cultura hindu, na qual a repetição das palavras induz ao transe místico por meio das técnicas do mantra. O tom, timbre, frequência, intenção, interpretação, sentido do som e sua construção são matéria de milênios de estudo nessas duas culturas.

A cultura ocidental banalizou o poder da palavra, a igreja sacralizou o latim, e demonizou os demais idiomas como profanos; algo semelhante ocorreu com o hebraico para os judeus, o sânscrito para os hindus e o yorubá para nigerianos.

Toda palavra e todo idioma têm seu poder, atribuído pelo respeito que um mago, feiticeiro ou sacerdote carrega em cada uma de suas notas, assim como as construções musicais dessas tradições.

A Umbanda canta e reza em português e ensina o poder da palavra falada.

Não banalizar a palavra é não banalizar seu sentido; a palavra é usada para determinar o que somos e quem são os outros.

Por isso, vamos nos atentar ao uso ordinário empregado por certas palavras que persistem em alimentar e manter uma relação de poder e subjugação entre mentalidade colonial, patriarcado branco e o negro, ao reduzi-lo a um inconsciente coletivo, enquanto toda uma população consciente ou inconscientemente reproduz valores racistas, que permeiam o mundo contemporâneo.

Wittgenstein diz que "as fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo". Um feiticeiro diz que a palavra determina o que você é e reduz o outro ao que você pronuncia para ele. Esse é o poder do feitiço, muitas vezes para empoderar a palavra você reza para a divindade e usa uma semente sagrada na boca ao pronunciar.

É assim que, ao chamar uma mulher de mulata, você a reduz a uma mula, a um animal híbrido, a uma mestiça, mistura de duas raças, uma

superior com uma inferior.

Ao considerar que denegrir é um ato de diminuir algo, você afirma que quanto mais negro menos bonito, menos importante, menos confiável, menor em todos os sentidos.

Afirmar que alguém é escravo o reduz a algo como um bicho domado, domesticado e sob controle. O africano não foi escravo, ele foi escravizado.

Chamar um ser humano de macaco é sempre com intenção de ofender, agredir, injuriar, diminuir, reduzir alguém a uma coisa, um bicho, um símio.

Pior ainda quando assume a forma de "racismo recreativo", pior quando ironiza, quando se esconde por meio de uma pretensa liberdade de expressão que seja do humorista profissional à piada infame de seu amigo ou parente. Personagens como Mussum, Tião Macalé e Vera Verão fizeram parte de um tempo em que o humor de programas como Os Trapalhões e A Praça é Nossa reforçava o racismo e o sexismo. Em minha infância, em escola pública, era certo chegar a segunda-feira e ver meninos e meninas negros serem hostilizados, comparados aos personagens citados, os estudantes repetindo as "piadas" de mau gosto e agredindo em função do gênero, do cabelo, da cor da pele. Crianças repetindo o que os adultos faziam como entretenimento de massa, em um canal de concessão pública em horário nobre.

Lembro-me ainda de uma fala que me marcou para sempre, em torno de 1995, aos 21 anos. Eu branco, na casa de um amigo branco, com outros amigos brancos e sua mãe branca, sentados à mesa sendo servidos por uma senhora negra. A mãe do amigo tentava dizer o quanto tinha apreço por aquela trabalhadora do lar, desdobrando-se em elogios vazios e frios, citando anos de trabalho em sua casa dedicados à sua família, dizendo inclusive que era "como se fosse da família". A senhora negra, visivelmente cansada dessa falácia de décadas, servindo à mesa não tinha nenhum olhar de empatia com a "patroa", nenhum sorriso e nenhuma palavra. Eu já estava envolvido com a Umbanda e aprendendo a interpretar palavras, atitudes corporais e olhares. Foi então que a "patroa" fez o "elogio" derradeiro, o último golpe contra a mulher negra, afirmando: "esta é uma negra de alma branca". Ali entendi meu desconforto inicial, perdi o chão, mas infelizmente

fiquei sem ação e sem palavras, só queria sair dali. Hoje não me calo mais, no entanto demorei a aprender meu lugar de fala.

O racismo é um sistema perverso que envolve toda uma nação, e tem por motivo manter um grupo racial (étnico) em posição inferior e subordinado ao outro. De maneira consciente ou inconsciente, isso é mantido por meio de conceitos, sentimentos, pensamentos, palavras e ações que determinam comportamento e hábito racista. É preciso descolonizar as mentes brancas, negras, amarelas e vermelhas. A quem interessa essa cultura de opressão?

A quem interessa manter relações de opressão? A quem interessa manter o negro subalterno? Quem se incomoda em ouvir sobre isso? Quem pede para não falar mais sobre isso?

Se incomoda ouvir sobre feminismo e racismo, imagine o quanto incomoda sentir na pele e em suas entranhas a discriminação e o preconceito constantes, estruturados no sistema social como um vírus, um câncer que se espalha, enquanto muitos dizem: não precisa tratar, pare de cuidar e quem sabe se resolve sozinho.

Essa terra foi roubada de seu dono, seu povo foi dizimado em um holocausto, seus bens naturais foram saqueados, outro povo foi escravizado e agredido de todas as formas, arrastado para cá por força de morte, extermínio e estupro de suas vidas e corpos.

Tudo isso realizado por coroas imperiais e a igreja. Hoje se reconhece o crime? Onde está a indenização? Prescreveu? Três ou quatro gerações? E quando se fala em demarcação de terras indígenas ou sistema de cotas para negros em universidades parece um absurdo?

Onde está a consciência negra? Consciência branca? Consciência indígena? Existe uma consciência umbandista?

Aprenda essa Magia Negra, Magia da Palavra, Magia da Cultura, Magia de Conscientização!!! Magia de descolonização.

Empodere-se de cultura, história e acima de tudo se empodere da arte de descolonizar nossas mentes desse universo racista, machista, imperial, sexista, branqueador e, infelizmente, judaico-cristão patriarcal.

16 - Medo da Pombagira

Márcio Martins Moreira, médium, amigo, sacerdote e dirigente no Colégio Pena Branca, relatou que, anos antes de nos conhecermos, fez parte de outro templo de Umbanda. Lembrou que lá homens não incorporam Pombagira, não podiam nem acender velas para ela, a justificativa é que ficariam afeminados.

Dias antes, Mãe Taiane, médium, dirigente, sacerdotisa do Cumoa - Centro de Umbanda Mística Oxum Apará -, havia dito que Maria Cecília, Pombagira, me pediu para escrever que homem também tem de incorporar sua Pombagira.

Sempre foi e é um drama a relação do homem com a Pombagira, muitos têm medo de afeminar-se ao ter contato com ela. A mulher não tem medo ao incorporar Exu, nunca ouvi falar que a mulher se masculinizou nesse contato com Exu.

Medo de incorporar Pombagira ou de afeminar-se é única e exclusivamente um comportamento machista, sexista e misógino (adorei essas palavras novas que aprendi recentemente), incutido por meio dessa sociedade patriarcal, preconceituosa e homofóbica.

Pombagira não faz ninguém se tornar o que já não é. Caso alguém esteja enrustido, dentro do armário, mal resolvido, ela vai ajudá-lo a encontrar a si mesmo, revelar sua verdade, ir ao encontro da realização íntima e plena de seu ser, sua sexualidade, seu gênero, não importando mais a hipocrisia alheia.

Pombagira empodera homens e mulheres a viver no mundo externo a mesma verdade que está em seu íntimo, na alma, não importa qual verdade seja essa. Ela ajuda e ajudou muito homem a se tornar homem, muita mulher a se tornar mulher e também muito homem a se tornar mulher e muita mulher a se tornar homem, quando esse é o desejo mais íntimo e verdadeiro naquele ser humano.

O homem incorporar a Pombagira é privilégio de ver o mundo com os olhos de uma mulher. Conhecer melhor esse universo feminino, tão

desconhecido para homens que costumam reclamar dessa dificuldade. É oportunidade de crescer como ser humano, abandonar preconceitos e ideias machistas.

Há anos eu falo da importância de homens incorporarem e conhecerem sua Pombagira, de ter um contato íntimo com esse universo feminino e, assim, aprender a conhecer e respeitar mais a mulher. Embora saiba quem me ampara de Pombagira, incorporo-as esporadicamente, tenho muito respeito e pouca proximidade se comparado a Exu.

Depois que recebi a visita da Pombagira mensageira da Deusa Dourada, em uma prática de desenvolvimento mediúnico no Colégio Pena Branca, David Dias me convidou a acompanhá-lo na incorporação de Pombagira e eu me vi "discutindo a relação" com minhas Pombagiras. Pedi desculpas, algo estava acontecendo em mim, não tinha condições de incorporar naquele momento.

A escrita deste livro fez verdadeira revolução entre minha alma e meu corpo no mundo, minha cabeça pirou de tanta informação, a Pombagira literalmente dançou na minha cabeça e girou sua saia da verdade em todas as relações pessoais.

Em outro encontro de desenvolvimento, no dia 30 de junho, um domingo de manhã, ela veio em mim. Era outra, nem minhas velhas conhecidas nem a "Deusa Dourada", era prateada, sacerdotisa, feiticeira, uma mulher autocentrada, não parecia trazer um estereótipo ou arquétipo de Pombagira, a incorporação era outra, algo mudou, usou poucas palavras, sua presença era arrebatadora e se foi. No mesmo dia à tarde, no encontro da Turma 8 de sacerdócio, ela volta e eu quero um nome, ela diz Rainha Maria do Luar: "Toda mulher é uma rainha, toda mulher é uma Maria e eu sou da noite, da lua, da prata"; ela se foi e eu me senti muito infantil de querer um nome. Deixou-me a mensagem: a única coisa que impede uma Pombagira de incorporar em um homem ou se aproximar dele é machismo. Entendi bem o recado, era para mim mesmo.

Naquela semana, encontrei o amigo Cristiano Nascimento, comentei como a incorporação dela era totalmente outra e percebi que eu que sou outro, a única mudança está em mim e no fato de me abrir a receber outras

Pombagiras que vêm chegando por conta deste trabalho. Cris comentou comigo como suas primeiras incorporações de Pombagiras eram forçadas, como ele era exagerado e refletia sua insegurança em incorporá-las, ela exagerando um arquétipo exaltado e quase caricato. Esse tipo de percepção cerca a própria incorporação e o desenvolvimento do relacionamento com a Pombagira, faz parte de uma consciência e lapidação da mediunidade que possibilita colocar o médium em um lugar de encontro com a entidade e reconhecimento dela em sua alma, ao identificar quem sou eu, quem é Pombagira e quem somos nós juntos.

Alexandre Takayama, queridão, um dos poucos médiuns que eu conheço inconscientes, diz que assim que Sara, sua Pombagira, começa a falar, ele fica em choque, então ela tira sua consciência e chama todos, especialmente as mulheres, para ouvir suas teorias feministas e acabar com o machismo dos homens presentes no ambiente.

Sim, o machismo, nossos preconceitos, valores distorcidos, medos e inseguranças nos impedem de ir ao encontro de muitos mestres e saberes. Enquanto eu não desperto para esses valores e universo, muitos guias, mestras e entidades não conseguem se aproximar ou se soltar, ser eles mesmos em mim. Médiuns já desenvolvidos, conscientes ou inconscientes, bloqueiam oportunidades de ir mais longe ou mais fundo em si mesmos por meio de suas limitações culturais e preconceitos.

Ainda por esses dias, depois de todos esses episódios, senti em minha casa a aproximação de outra Pombagira, também desconhecida para mim. Estava ali se fazendo perceber, queria se mostrar a mim, eu mais uma vez sozinho em casa. Ela não queria se comunicar, queria incorporar para eu senti-la em mim. Então me abri e ela veio, incorporou. Fiquei sem fala, quero dizer sem pensamentos, era debochada, irônica, postura de confronto, foi logo dizendo seu nome: Sou a Preta, me chame Preta, "Maria Preta". Eu fui Puta. Não fui cortesã... kkkk... fui puta. - Do jeito que veio, foi.

Entendi o medo de alguns homens em incorporar a Pombagira, entendi o medo diante de uma mulher forte, empoderada e desafiadora. Medo de estar na pele dela quando ela enfrenta tudo que a oprime, diminui, marginaliza. Medo de estar na pele da puta e saber que ela enfrenta o mundo, desafia o capeta, se abre para o inimigo e não tem outra opção além

de ser forte, carregando a tristeza dilacerante e a dignidade de vender o que lhe resta, o corpo. Como dizer que Pombagira não foi puta? Posso dizer que não é puta porque não é encarnada, não tem corpo para vender nem prostitui suas médiuns. Mas o que ela foi todos nós já fomos também em algum momento, em algumas vidas nos vendemos. Qual o tamanho de nossa hipocrisia? Do mesmo tamanho de nossos medos!

Caboclas, Pretas-Velhas, Malandras, Ciganas, Baianas, Marinheiras, Boiadeiras e até Caboclos, Pretos-Velhos, Malandros, Ciganos, Baianos, Marinheiros, Boiadeiros, somos todos putas, somos todos marginalizados, comprados, vendidos, agredidos, abusados, enganados, iludidos, perdidos na moralidade falsa da carne e distantes da imoralidade verdadeira da Alma que não segue padrões, normas ou convenções.

Escrevo essas linhas após terminar todos os outros textos deste livro, já anunciei o término da escrita ontem, 19 de julho de 2019. Hoje a querida Ana Paula Calassi Garcia comentou: poderia escrever um pouco mais sobre o medo dos homens em incorporar sua Pombagira. Estou agora na recepção do Hotel Jaraguá, onde acabo de assistir à peça Madame Satã com o querido Taiguara Nazareth e um excelente elenco de 14 artistas. Vi ali Pombagiras encarnadas na vida e na carne de Madame Satã, negro, pobre, homossexual, artista, dançarino e malandro carioca; quem poderia ser sua Deusa? Pombagira. Pombagira é a marginalizada Deusa dos marginalizados, é a mulher, a mãe e a Deusa de quem está mais vulnerável, incompreendida e agredida. Pombagira está com Jesus quando ele anda entre e junto dos desvalidos, lado a lado com sua amada Maria Madalena. Pombagira é companheira de Jesus, Oxalá e Exu. A todos, desvalidos e desacreditados, ela ampara. Principalmente os incompreendidos no mundo por conta do patriarcado, sexismo e machismo; ela mesma é também uma vítima que não se diminui, não lamenta nem baixa a cabeça. Ela ri, ironiza e debocha ao ver a podridão na alma de quem a condena. Pombagira vê sua alma.

Por isso não é fácil incorporar uma Pombagira em sua alma, mas aproveite para incorporá-la mediunicamente e aos pouco absorva, incorpore, empodere-se dela na alma.

Ela está em nós, basta aceitar e ver o que se faz depois desse encontro.

A única certeza: Pombagira revela sua alma e as almas alheias, faz a carne tremer, rasga-a de dentro para fora e, no fim, você jamais será a mesma.

Medo? Sempre. Todos preferem um Diabo velho e conhecido a dar lugar para a desconhecida. No entanto, apenas a desconhecida pode revelar um novo eu em você mesmo.

No homem, medo da Pombagira ou de incorporá-la é medo de abandonar a si mesmo, abandonar todos os apegos do ego, vaidade e machismo. Medo de crescer e ter de enxergar o que nega a si mesmo: a liberdade de tudo que prende ou reprime.

Agora você também deve libertar e reconhecer a Pombagira em si e nos outros, especialmente nas outras com quem se relaciona.

Agora quem é você, Pombagira, em mim? Quem sou eu em você, Pombagira?

Medo? Vá com medo e tudo, a única possibilidade é crescer, virar gente grande.

17 - Pombagira Comparada a Outras Divindades

O nome Pombagira vem de Pambu Nzila, que é uma divindade da cultura Bantu (Angola - Congo), presente na língua quimbundo e suas variações. Um inquice é como um Orixá, assim como um vodum na cultura jeje que fala o fon. Igualmente podemos comparar com divindades de outras culturas.

Na cultura Nagô Yoruba, muitas vezes se fala de uma Mãe Orixá Iya Mapô, Amapô ou Iya Obo. Orixá Mãe da vagina, do sexo, sexualidade, sensualidade, da mulher. Sua origem e presença é controversa, uns dizem que existe, outros negam sua existência. Independentemente de desencontros de fundamento cultural ou dogmático do Candomblé ou cultos de nação existe um fato: se você entender que ela existe e prestar culto, reverência e relacionamento com o que ela representa, a divindade responde e você reconhece nela a Pombagira. Diante dos mais tradicionalistas, só podemos dizer que o culto a centenas de Orixás se perdeu cassim,

provavelmente, foi com Iya Mapô. Ainda na mesma cultura de Orixá, existem as queridas e temidas Mães Feiticeiras Iyamins, há uma sociedade secreta feminina, Geledê, que promove seu culto e estabelece um relacionamento de empoderamento feminino com as Iyamins e as Mães Orixás, também mantenedoras do mistério.

A mais conhecida de todas é a temida Iyamin Oxorongá, a senhora do pássaro da noite. Ao ouvir seu nome, quem está de pé deve se abaixar e quem está sentado deve se levantar; todos demonstram respeito e reverência.

Pombagira também é uma Iyamin, também é uma Mãe Feiticeira, também faz parte do universo Geledê, às vezes oculta, às vezes por outros nomes e às vezes aceita como Orixá Pombagira.

Kali, a Deusa Negra hindu, traz qualidades de Oroiná, Egunitá e também de Pombagira. Suas Guardiãs se mostram de forma idêntica às Pombagiras, inclusive com a pele avermelhada. As imagens de Kalis nuas e vermelhas nos lembram algumas das Naturais de Pombagira, entidades não humanas que habitam uma dimensão ou reino regido pelo Orixá Pombagira.

Astarte, divindade sumeriana e babilônica, representa tanto o amor quanto a paixão, seu nome quer dizer "O Ventre", ela é associada ao Planeta Vênus, a Estrela Matutina. Aparecia nua montada em uma leoa, segurando em uma mão um espelho e em outra uma serpente. Com a expansão do patriarcado judaico, seu nome foi deturpado para **Astoré**, "coisa vergonhosa", e ela foi considerada um demônio babilônico, assim como todas as outras Deusas; suas cores são o branco e o vermelho, representando o sangue e o sêmen.

Lilith, também deusa babilônica, mais popular que Astarte, é uma mãe do amor, da sexualidade e da força feminina. Nas escrituras judaicas, no Talmude, ela aparece como a primeira esposa de Adão, que por não aceitar ser submissa foi trocada por Eva. Essa é a história machista que criaram para condenar Lilith a Deusa - ao inferno, por não aceitar ser submissa a um mortal. Lilith também é chamada de Lua Negra, aparece como uma força ligada à sombra da mulher e do homem muito estudada na astrologia. Ao entender que planetas têm relação com divindades podemos identificar a

Lua com Lilith, com Pombagira e ainda reconhecê-la em todas as fases e em seu lado oculto.

Asherat, Assera, Ashera ou Alzira é a Deusa Mãe semita, a Mulher de El, Elohim e YAWÉ (JAVÉ). É a Deusa que foi sufocada, calada, perseguida, caluniada, vilipendiada, por fim, assassinada e condenada ao inferno por seus filhos, semitas exilados na Babilônia, criadores do patriarcado. Foram os sábios que organizaram os textos sagrados, enterraram a mãe teologicamente, renegaram sua maternidade e se proclamam filhos apenas do Pai. Renegam a mãe e criaram um mundo patriarcal onde apenas o Pai e seus filhos homens têm o poder da fala e da ação. A Mãe foi excluída, suas filhas caladas em submissão devem rezar apenas ao Pai e ensinar seus filhos que não existe Deusa Mãe. O Pai sozinho engendrou-se, gerou sem a Mãe, tornou-se Pai sem uma Mãe. Asherat que troca El por Javé representa muita força, altivez e liberdade; mais uma vez o medo toma conta da história. Usando de sua força física mais a estrutura cultural e social, o patriarcado mata a Deusa; no entanto, como matar o que não pode morrer? Ela volta em Pombagira e em todas as outras Deusas. O tempo não importa para ela, para nós fica o desejo de tê-la sempre por perto.

Nêmesis também teve sua imagem deturpada, era originariamente uma guardiã do mundo dos mortos e executora da justiça de Themis, castigando os mortais transgressores.

Hécate, Senhora da Magia e da Noite, assim como todas as outras deusas que trabalham o negativo, o escuro ou as paixões, tem relação com Pombagira e é igualmente deturpada. Filha dos titãs Perses e Astéria, era cultuada nas encruzilhadas, assim como Trivia. Faz parte dos mistérios de Eleusis por ter uma relação de muita proximidade com Perséfone e Deméter.

Ajudou Perséfone a procurar sua filha Deméter quando esta foi sequestrada pela divindade do mundo subterrâneo Hades; na ausência de Deméter, assume o posto de Rainha do Erebo.

Bastet, Sekhmet e Hator são três divindades egípcias relacionadas ao amor e às paixões. Bastet possui cabeça de gato, Sekhmet cabeça de leoa e

Hator a beleza da mulher. As três trazem qualidades de Oxum e Pombagira, uma relação muito estreita sempre que relacionamos amor com Oxum e paixão com Pombagira. Ao comparar divindades, nem sempre encontramos divindades de única essência, é comum nos depararmos com uma divindade que em sua cultura traz qualidades de duas ou mais divindades de outras culturas.

Deusas da Noite, também costumam chamá-las de Deusas Negras, mas como muitas não possuem a pele negra, o mais correto é identificá-las como Deusas da Noite. São Deusas do negativo, do escuro, da noite, das trevas, algumas são Deusas de Pele Negra. A Deusa está em minha Luz e em minhas Trevas; no dia e na noite; habita meu ser e vai aonde for em busca de uma filha ou um filho. Nossa visão de mundo maniqueísta e dualista costuma demonizar noite, sombra e trevas. Em tudo está o humano e o divino, as divindades habitam luz e trevas, e são aquelas que se estabelecem nas trevas que nos ajudam a lidar com nossas sombras.

As Deusas da Noite estão em nossa noite interior, em nossas trevas, são elas que podem entender e curar nossas sombras. A ignorância do patriarcado dualista, entre bem e mal, condena ao inferno tudo o que não entende. Olhar nossas trevas interiores é o caminho mais seguro para entender nossas dores; culturas de repressão renegam a própria sombra, reprimem os vícios, criam demônios pessoais e confundem seus demônios com as Deusas da Noite.

Pombagira é Deusa Negra e Deusa da Noite, que está na luz e nas trevas, está em todo lugar, e essa é sua dualidade. Além das deusas já citadas também são Deusas da Noite:

Hel, Deusa nórdica e Rainha do mundo subterrâneo.

Inanna, Deusa sumeriana do amor e da guerra.

Macha, Deusa irlandesa das dores do parto e da morte.

Morrigan, Deusa irlandesa da guerra e da morte.

Rhiannon, Deusa britânica, Rainha do Mundo Subterrâneo.

Hannya, Deusa japonesa considerada um dos demônios Oni; a lenda diz que Hannyas são mulheres que, por conta de atitudes machistas,

desceram às trevas e dali protegem quem precisa de sua força feminina terrível e assustadora, como um demônio para os seus contrários.

Nix, Deusa grega da noite, matrona de sacerdotisas e feiticeiras.

O objetivo deste texto foi mostrar algumas das divindades que podem ser associadas à Orixá Pombagira e, mais uma vez, lembrar como a tradição patriarcal judaico-cristã demonizou o que não conseguiu dominar.

Estudar e conhecer as Deusas da Noite e as Deusas Negras fora da África, como Kali hindu, são formas de nos aproximarmos da Deusa Mãe Maior, da Deusa Pombagira, das Deusas da Noite e das Deusas Negras Mães Orixás e outras Mães que nos acolhem a partir de nossa alma, na luz ou nas trevas de nosso próprio ser a caminho de casa ou de encontrar a si mesmo, revelam sua verdade, ser quem você é na vida e na eternidade. Essa é uma lição da Deusa, uma lição da Alma.

18 - Nomes de Pombagira

Falar sobre os nomes das entidades de Umbanda evoca o estudo de alguns conceitos e a quebra de tabus, dogmas e paradigmas relacionados a nomes.

Há muitos mitos sem fundamento sobre Pombagira e seus nomes que circulam na Umbanda. Alguns acreditam que a data de nascimento pode revelar seus orixás e guias, creem em um número limitado de Pombagiras, acreditam em Sete Linhas de Umbanda com uma única Orixá Mãe (Iemanjá) e que Pombagira é seu Exu Mulher. Mitos outros, como homem não ter Pombagira, que há nomes de Pombagiras de Lei e outros nomes para as outras que não são de Lei. Umbandistas fizeram o desfavor de falar mal e publicar livros que degradam a imagem de Pombagira, no geral é de Padilha, Mulambo, Rosa Caveira e Sete Saias em específico. São livros com conceitos fracos e construções teológicas sem fundamento algum. Livros de autores, homens machistas que reproduzem o patriarcado dentro da Umbanda. Homens umbandistas que desqualificam a mulher sacerdotisa, mágica, feiticeira e repetem preconceitos com relação ao sangue menstrual que sabemos sagrado. Onde houver um discurso que considere o que é sagrado algo sujo ou negue sacerdócio à mulher e divindade à Deusa, ali está uma marca do patriarcado machista, ignorante e infeliz.

Existem muitos nomes de Pombagira, boa parte deles são nomes conhecidos, mas outra parte é de nomes desconhecidos. Há Pombagiras que usam nomes fictícios, porque não querem revelar seus nomes por conta do ambiente ou de seus médiuns (quando falam demais o que se deve calar). Por isso, nem todas as Pombagiras têm ou devem ter nomes conhecidos.

Não há como falar de interpretação dos nomes de Pombagira sem falar do Mistério Pombagira, e que na Umbanda elas formam uma linha de trabalhos à esquerda que faz par natural com a linha de Exus; no entanto, existe um Orixá Exu que ampara aquela linha, assim como há um Orixá desconhecido que ampara a linha de Pombagira, identificado na literatura de Rubens Saraceni como Orixá Pombagira.

Há uma Orixá Pombagira Divindade/Trono de Deus que se desdobra em divindades menores, que podem ser relacionadas aos sete sentidos da vida (Sete Linhas de Umbanda) e aos 14 Tronos de Deus (Orixás).

Observe que essa é apenas uma forma umbandista de organizar, adaptar ou acomodar o Divino e o Sagrado segundo uma visão e leitura de mundo a partir do mistério do Número Sete - Sete Linhas de Umbanda. Essa relação é possível, mas não deve encobrir o fato de que existem muito mais que 14 ou 16 Orixás; seu número é infinito, assim como infinitas são as qualidades da Deusa e do Deus. Nossa organização de ideias e conceitos serve apenas para facilitar um estudo e relacionamento com os mistérios da Deusa e do Deus.

***Podemos dentro desse conceito estabelecer uma hierarquia divina
para Pombagira:***

Deusa Mãe Maior

Orixá Maior Pombagira

Pombagira Guardiã da Fé (Cristalina)

Pombagira Guardiã do Amor (Mineral)

Pombagira Guardiã do Conhecimento (Vegetal)

Pombagira Guardiã da Justiça (Ígnea)

Pombagira Guardiã da Lei (Eólica)

Pombagira Guardiã da Evolução (Telúrica)

Pombagira Guardiã da Geração (Aquática)

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Oxalá

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Logunã

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Oxum

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Oxumaré

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Oxóssi

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Obá

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Xangô

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Iansã

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Ogum

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Egunitá

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Obaluaíê

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Nanã Buroquê

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Iemanjá

Pombagira Guardiã dos Mistérios de Omolu

Essas são as Guardiãs Maiores, Regentes Planetárias, Tronos Intermediários do mistério Pombagira para os Sete Sentidos e para os 14 Orixás, são seres mentais e consciências planetárias.

Abaixo das Guardiãs Maiores, estão as Pombagiras que incorporam nos terreiros e que se relacionam com suas filhas e filhos, médiuns de Umbanda ou não.

Nossa leitura e interpretação dos nomes segue a linha de raciocínio da obra de Rubens Saraceni e da Teologia de Umbanda revelada por ele. Por exemplo, Maria Mulambo vamos interpretar conforme encontramos no título As Sete Linhas de Umbanda (Rubens Saraceni, Madras Editora); temos: Maria = Oxum; Mulambo = pessoa malvestida, de aparência deprimente e miserável. Ela é uma Pombagira de Oxum, atuando na irradiação de Omolu. Atua sobre os espíritos degradados ou que perderam seus bens divinos (amor, fé, conhecimento, etc.), os abandonados da vida que estão no campo da morte. Ela agrega ao seu mistério os espíritos que "conceberam" de forma errada ou que afrontaram os princípios da vida e, assim, perderam a noção de seus valores maiores.

Ainda assim, é possível ser uma Maria Mulambo das Matas, Maria Mulambo das Pedreiras, Maria Mulambo dos Caminhos, Maria Mulambo Rainha, e sua interpretação ganha novas nuances de elementos e divindades associadas.

O número Sete, por exemplo, representa uma entidade que trabalha nas Sete Linhas e que conquistou um grau no mistério de Oxalá. Como Pombagira Sete Rosas: rosas são de Oxóssi e Oxum, mas ela pode ser Sete Rosas Vermelhas ou Sete Rosas Pretas, o que gera mais qualidades de Ogum ou de Omolu; nem sempre o médium sabe o nome completo de sua Pombagira, o que fica faltando para uma interpretação mais completa.

Dessa forma, surge uma grande quantidade de nomes como: Maria Padilha das Almas, Maria Padilha do Cruzeiro, Maria Padilha das Matas, Maria Padilha da Encruzilhada, Maria Padilha das Porteiras, Maria Padilha das Pedreiras, etc. Por isso também se justificam tantas "Marias Padilhas", tantas "Marias Mulambo", tantas "Marias Sete Saias". Nem todas trabalham

no mesmo campo, embora tenham um mesmo mistério raiz: Maria, Padilha, Mulambo, Saia, etc.

Mas vamos, então, a alguns nomes:

A

Ar = Iansã

Arco-íris Oxumaré

B

Brasa = Xangô e Ogum

Buraco = Omolu

C

Calunga = Obaluaiê

Caminhos = Ogum

Capa = Oxalá e Logunã

Caveira = Omolu

Cemitério = Obaluaiê

Cheirosa = Oxum

Cigana = Logunã e Egunitá

Cobra = Oxumaré

Cores = Oxumaré

Coroa = Oxalá

Cruzeiro = Obaluaiê

D

Dama = Oxum

E

Encruzilhada = Ogum e Exu

Estrada = Ogum

F

Figueira = Oxóssi

Fogo = Egunitá

G

Gargalhada = Oxumaré

Gira = Iansã

Graciosa = Oxum e Oxumaré

L

Lagos = Nana

Lama = Nanã

Lodo = Nana

Lua = Logunã, Omolu e Iemanjá

M

Mar = Iemanjá

Mangue = Nanã

Menina = Oxum

Montanhas = Xangô

Mundo = Oxalá

N

Navalha = Ogum

Noite = Omolu

Ondas = Iemanjá, Iansã, Oxumaré

P

Padilha = Logunã

Pântano = Nanã

Pedra = Oxum e Oxalá

Pedreira = Iansã

Pó = Omolu

Porteira = Obaluaíê

Praia = Omolu

Punhal = Ogum

R

Rainha = Iemanjá

Rios = Oxum

Rosas = Oxóssi e Oxum

Rua = Ogum

S

Saia = Logunã

T

Tempo = Logunã

V

Vento = Iansã

Véu = Oxum

19 - Mulher de Sete Maridos

Existe na Umbanda um ponto muito cantado que diz:

**"Pombagira é mulher de sete maridos,
Não mexa com ela, ela é um perigo".**

A música traz um tom de ameaça e diz que essa "Pombagira" tem sete maridos; na cabeça de encarnados já se associa isso a poligamia, promiscuidade, safadeza e tudo o mais que uma torpe mente machista pode alcançar.

Sim, machista, hipócrita ou reprimida, no caso de algumas mulheres que também denigrem a imagem de Pombagira por conta da liberdade que gostariam de ter e não têm coragem de assumir.

Triste para elas, pois é exatamente nesse campo em que Pombagira trabalha e ajuda tão bem. Que o digam os maridos das médiuns que são muito bem amparadas e assessoradas por suas Pombagiras. Longe de ser uma ameaça, no entanto, elas, as Pombagiras, ensinam suas médiuns a se darem valor e não deixarem espaço para o desrespeito e muito menos a agressão.

Há também as médiuns que criam uma expectativa de que suas Pombagiras sejam "belas, recatadas e do lar" para serem aceitas por essa sociedade hipócrita. Sim, há médiuns que querem fazer de suas Pombagiras sua própria imagem e semelhança, e também há aquelas que querem ser elas mesmas (as médiuns) a imagem e semelhança torta e desvirtuada do que realmente é a Pombagira.

Sensual não é vulgar e Pombagira não está encarnada portanto, não tem um corpo nem se utiliza do corpo de suas médiuns para alcançar prazeres terrenos.

Desencontros, desinformação e ignorância são muitos quando falamos em Pombagira.

Temos hipocrisia que vem de fora e que vem de dentro da Umbanda. Eu mesmo acompanhei um movimento junto à Casa de Velas Santa Rita e

Fábrica de Imagens Bahia com relação à intenção de cobrir o corpo das Pombagiras, especialmente seus seios. Na época achei interessante e apoiei a ideia, afinal o que vão pensar os consulentes ao ver imagens de Pombagira com o busto nu? Vão imaginar que as médiuns tiram a roupa nas giras internas de esquerda. Será mesmo? Temos muito que pensar a respeito, na época a Pombagira que me assiste disse apenas que cada médium e cada Pombagira devem escolher como se mostrar ou se apresentar por meio de imagens.

Houve grande polêmica e a Casa de Velas Santa Rita e Fábrica de Imagens Bahia manteve as duas opções. Somos ainda muito infantis para lidar com nossa própria sexualidade, não sabemos o que fazer com a sensualidade, perdemo-nos entre sagrado, profano e promiscuidade. Sete maridos são Sete Realidades, Sete Mistérios, Sete Exus e não há nada de errado, Pombagira faz par com todos os Orixás e todos eles fazem par com todas as Mães Orixás. Divindade não se casa! Muito menos segue o conceito patriarcal de casamento.

Pombagira não é mulher de ninguém, não é propriedade de ninguém, no entanto, está com quem e onde quiser!

20 - Pombagira é Mãe?!

Toda mulher é mãe em potencial, toda mulher, mesmo que não tenha dado à luz um filho biológico, pode ser mãe adotiva, postíça, emprestada e, de qualquer forma, sempre que uma mulher cuida de um filho é mãe.

Quantas mulheres são um pouco mães de seus companheiros ou companheiras, quantas filhas se tornam mães de suas mães? Isso quer dizer que, se formos para além do conceito biológico, o que chamamos de mãe é algo muito amplo.

Pombagira é ou pode ser mãe?

Claro que sim, no entanto, pelo fato de que a sensualidade é muito forte em Pombagira, lhe é negada a qualidade mãe. Mas negar que Pombagira é mãe é o mesmo que afirmar a perda da sensualidade feminina no momento em que a mulher se torna mãe. É como se a mãe deixasse de

ser mulher ao menos em um de seus aspectos mais fortes no que diz respeito ao feminino, sua sensualidade.

Uma mulher pode ser sensual e ser mãe ao mesmo tempo?

Esse é o reflexo da hipocrisia, é o pensamento machista e patriarcal de dominação do homem sobre a mulher.

O que é sensual e o que é vulgar?

É certo que muitas Pombagiras podem se negar a ser chamadas de mãe, não que elas não o sejam, mas que provavelmente se negam a ser o que você acha que deve representar o modelo de "mãe".

Aquilo que identificamos como modelo ideal da "mãe" é a imagem de Iemanjá, senhora deste mistério na criação: "a mãe". No entanto, todas as Orixás são mães, tanto a guerreira Iansã como a sensual Oxum.

As Pombagiras são nossas guardiãs e protetoras com qualidades bem específicas, essas qualidades são divinas e pertencem a uma divindade feminina, Orixá Pombagira.

Se existe uma divindade regente desse mistério "Pombagira", então posso dizer que Pombagira é mãe também. Ao menos a Divindade, o Orixá, é mãe. Quanto às entidades Pombagiras que incorporam e trabalham com seus médiuns (homens e mulheres), deixo para você me responder se são ou não nossas mães. Mães da sensualidade, mães do desejo, mães do estímulo, mães da altivez, mãe da força feminina, mãe do empoderamento e, acima de tudo, mães de filhas e filhos que as procuram em si mesmos.

Precisamos de todas as nossas mães, cada uma delas nos dá ou empresta qualidades diversas e únicas para nosso crescimento, nenhuma mãe fica de fora ou à margem.

Laroyê Pombagira

Salve minha Mãe Orixá Pombagira e

Salve minhas mães guardiãs e protetoras!!!

Observação: embora gere muito estranhamento identificar "Orixá Pombagira" para alguns, convido os mais resistentes para esta reflexão:

Se a gente não conhecesse o Orixá Oxóssi, poderíamos tranquilamente chamá-lo de Orixá Caboclo e ele mesmo responderia. Assim como foram idealizados Iofá e Yorimá para um "Orixá Preto-Velho" que é Obaluaiê. A forma de se relacionar com as divindades, os Orixás, ainda é incógnita e um mistério para nós. Se eu não conhecesse Ogum, mas elevasse o pensamento ao "Orixá da Guerra" ou à "Divindade da Lei", mesmo sem conhecer seu nome ele responderia, com certeza Ogum responderia. Sim, temos todos nós muito a aprender sobre os mistérios de Deus e como nos relacionar com eles. E pôr ponto-final à frase: "Para quem quer entender, poucas palavras são necessárias, e para quem não quer entender, nenhuma palavra basta".

Assim como na história das religiões existiu o momento em que homens inspirados trouxeram o culto a novas divindades, é possível renovar o culto às antigas divindades desconhecidas por meio de nomes que se tornem referência das qualidades e mistério divino que cada divindade traz em si.

Isso faz parte da ciência teológica mais profunda que combina ciências da religião e teologia comparada que fundamenta esse fato. Reconhecer que está em Deus uma divindade ancestral desconhecida para nós, por meio de um novo nome, é algo natural e repetitivo nas diversas religiões que trazem o culto à pluralidade das divindades de Deus.

Uma vez ouvi um amigo dizer:

"Certo é o que funciona".

Eu cultuo, amo, reverencio e me relaciono com uma Divindade que aprendi a chamar de Orixá Pombagira e isso é muito bom!

Pombagira é minha mãe, quem vai falar mal agora?

Pombagira

por Vera Cumino

Psicografia Pombagira.

Pombagira, mulher igual a você.

De dia doméstica da casa, babá dos filhos, lavadeira do marido, cozinheira da família.

À noite, sedutora, amada, conselheira. Olha-se no espelho e se enfeita para ela e para o mundo.

Pombagira se desmistificando, enxergando sua essência, sua grandiosidade e seu valor.

Pombagira de Sete Maridos. Sim, sete realidades dando conta de tantos universos. Mostrando essa faceta que o feminino tem de entender tanta diversidade.

Pombagira Orixá da fé, amor, justiça, lei, alegria, encontro e desencontro, aconchego, da transformação, construção e desconstrução.

Pombagira sempre acolhendo quem precisa de direção. Todos temos a Pombagira no interior, em maior ou menor grau. A dificuldade está em aceitar esse sentimento. Ao mesmo tempo parecendo frágil e forte em sua essência.

Pombagira vem para nos mostrar que já é hora de cair a máscara e de nos unirmos, pois só assim a humanidade ganha. Somos seres que nascemos para nos completar e não para competir.

Necessitou de muito tempo para uma figura masculina entrar neste universo tão incompreendido. Para tanto, teve de mergulhar em seu interior e lá buscar a delicadeza do ser.

Gratidão, Alexandre, por mais essa sensibilidade em conseguir nos passar a real visão de Pombagira, desmistificando-a do protótipo antigo.

Assim, desvendando esse mistério tão forte na Umbanda e outrora tão contraditório.

Gratidão ao Plano Espiritual com a relevante presença.

Vera Lucia de Oliveira Cumino é mãe de Alexandre Cumino e o texto anterior é uma psicografia, da Pombagira dela, feita no dia 25 de junho de 2019, às 3h17.

Pombagira

por Ana Mametto

O coração dispara, calafrios, mãos tremulas, uma vontade de gargalhar de forma tão intensa, diferente de tudo que antes já senti. É ela! Minha Deusa, minha Moça Bonita, a minha Dama da Noite! Chega e mergulha em meus pensamentos, vem e acalma meu coração, sorrindo para mim...

Sinto-a em cada movimento de meu corpo, quando canto e quando danço, na alegria e na ira, na ida e na chegada, na encruzilhada, no anoitecer e no amanhecer de renovação, resiliência e coragem. Gira e me gira, dando-me a consciência de que vida é movimento. Está em toda parte.

Na natureza, você é a lua que me enfeitiça, forte, intensa, misteriosa, abrindo meus caminhos para que eu possa sonhar e voar. Você é o vento que vem até mim como uma dança e me faz flutuar nos palcos, bailando com meu canto, emocionando aqueles que enxergam com o coração. Você é a mata que exala o cheiro forte, doce e intenso da impenetrabilidade que há em si, tem a delicadeza das rosas.

Você é rio, seu maior símbolo de doçura e de beleza, um concavo de amor. Mergulho fundo nessa imensidão de sensualidade. Você é o mar que traz em mim a força, suas ondas são como um punhal que corta as demandas do olho de quem não me vê por dentro.

Minha Deusa, minha Dama da Noite, você é mulher, mãe e puta, é força, fé e luta, quem já a sentiu jamais poderá esquecê-la, você está em mim e eu estou em você.

Dama da noite

(Ana Mametto)

Dama da noite
Rainha da encruzilhada
Senhora da lua
Da madrugada
Mergulha nos meus pensamentos aflitos
Abrindo os caminhos na minha chegada.
É rosa, perfume e pinhal
Tem feitiço no seu olhar
É do vento, da mata, do rio e do mar
Segura a barra da saia, menina
Ela vem sorrindo para mim
A rosa mais bela do meu jardim.
Roda!
Roda, roda, roda
Segura na barra da saia e roda
Roda, roda, roda
Segura na barra da saia e roda

Ana Mametto é mulher, negra, feminista, médium de
Umbanda, cantora, atriz e capa no livro Pombagira, A
Deusa - Mulher Igual Você.

Pombagira

por Rita Batista

As primeiras vezes que ouvi falar sobre "Pombagira" ainda era criança. Ouvi histórias de minha avó materna, sobre esse espírito de mulher da vida, que "perturbava" a existência de pessoas que "deviam" a ela.

Eu tinha medo de Pombagira.

Cresci achando que, se o nome Pombagira fosse pronunciado, já que a força e o poder eram tão grandes e temidos, poderia começar uma relação com a entidade mesmo sem querer, mesmo sem elaborar um pedido, uma demanda, assim desencadear um processo espiritual de débito, de cobrança e de perda do controle da própria vida!

Sim! Porque era isto que me diziam: ela toma a cabeça da gente, faz coisas ruins; se você não cumprir com sua parte no acordo, ela acaba com a você!

Havia quem vociferasse, quando alguém vivia qualquer desajuste: Isso é coisa de Pombagira!

Essas foram crenças incutidas a mim, desde muito cedo, sobre essas senhoras. Até mesmo a identidade delas era atribuída a uma só. Todas eram "Pombagira" e não tinham distinção.

A falta de conhecimento, a memória compartilhada de que era uma energia ruim, espírito maligno, força de baixa vibração e a pouca experiência de vida me fizeram manter distância.

Mas em uma coisa minha avó e aquele povo todo tinham razão: elas têm poder.

O poder da mulher, do feminino, da força que sangra, que pulsa, que vibra, roda, gira e faz a vida te tirar para dançar.

Do Amor quente ao sabor de quem Ama.

Do pedido Sincero ao clamor de quem precisa.

Da troca justa de quem se prontifica.

Anos depois, entendendo-me como gente, mulher e preta. Construindo minha identidade, sabendo meu lugar e descobrindo minha ancestralidade, conheci Colondina.

Não perguntei. Só ouvi.

O medo que carregava até ali se transformou em respeito.

Tudo se ressignificou.

"A mulher da rua", "Aquele a quem pedimos homem", "a que se você não der o que ela pedir vai se vingar", ficou nos ecos do passado. Pombagira é a vida em movimento te chamando. É a interseção da essência primeva. É o protagonismo da energia feminina. É o diálogo da liberdade com a coragem. Laroyê!

Rita Batista, mulher, preta, comunicadora e de axé.

Pombagira

por Taiane Macedo

A minha Deusa.

Já faz 30 anos que tive o prazer e a honra de ter essa mulher ao meu lado.

Ainda na adolescência, já dava para perceber a imensidão do que ela significaria em minha vida. Sempre perto!

Eu e ela interagimos quase diariamente.

Descobri a mãe, amiga, irmã, confidente que enxuga minhas lágrimas e, com toda a razão, me cobra firmeza nas escolhas de meus caminhos.

A sensação é de que com ela eu poderia ser princesa, mas sou fortaleza de uma mente sem pudor.

Quando é para chegar, ela chega, quando é para fechar, ela fecha, e quando é para ficar, ela permanece em mim, porque em mim ela está.

E sei que em minhas muitas lutas e batalhas, tentando descobrir meu próprio "eu", ela estava comigo, lendo minha alma.

Quantas vezes ouvi sua voz em mim, sacudindo meus sentidos e me impulsionado para a frente. Quantas "Marias" em mim.

Ela representa a vida, vivida na plenitude de uma mulher que não tem medo de nada nem de senhor algum. Que me traz a sabedoria milenar da força do feminino.

Ahhh, essa Deusa de alma cigana! Que emoção! Razão, vontade e realidade em minha vida.

O mundo precisa de muitas Marias Cecílias. De seu amor, poder, ritual sagrado e sua presença silenciosa!

O que é meu é da cigana, e o que é dela também é meu! Laroyê, Maria Cecília!

Taiane Macedo é médium, sacerdotisa, dirigente do Cumoa, idealizadora do Umbahia e publicitária.

Pombagira

por Cirlene Rosa

Quando a alma de um ser a Pombagira penetra, de seu sono ela o desperta.

Ainda criança, ouvia gente dizer que a Pombagira trabalhava para "unir" as pessoas. E que fazia isso sem se importar com nenhum tipo de consequência. Elas usavam feitiços, amarrações e trabalhos espirituais para alcançarem seus objetivos.

Quando comecei a incorporar minha Pombagira, ainda jovem, já tinha em mente o que ela deveria fazer para ser uma "boa" Pombagira. Porém, para minha grande surpresa, ela era "diferente". Não usava os tais feitiços e sequer falava no assunto. Era atenciosa, estimulava o amor-próprio e a autoconfiança. As pessoas tinham de ser companheiras e não dependentes umas das outras, dizia ela.

Por vezes, voltava para casa preocupada e triste. Por que ela não era como eu achava que deveria ser? Não seria eu uma médium digna?

Foi quando resolvi criar coragem e perguntei a ela: por que as coisas não se davam da maneira que eu idealizava? Ela se mostrou para mim, em um breve e emblemático vislumbre. Uma mulher de pele clara, cabelos longos e negros, um pouco ondulados. Seus olhos eram escuros, estava com um vestido preto que mostrava discretamente seu colo. Por cima dele um xale, também preto, e uma grande rosa vermelha nos cabelos. Seu semblante suave, porém sério. Olhava-me fixamente e, quando nossos olhares se encontraram, sem dizer uma palavra sequer, ela desapareceu.

Foi muita emoção! Senti meu coração batendo mais forte! Naquele momento, minha mente se abriu.

Aquela "Mulher" era "minha" Pombagira, ou seja, minha verdade! E não apenas uma idealização dos boatos dos tempos de infância. Finalmente eu havia entendido! A partir daí passei a amá-la e respeitá-la como deveria ter feito desde sempre!

Com o passar dos anos, compreendi que o sentimento de força, poder, independência, alegria e determinação, que eu vibrava quando a incorporava, não vinha de "fora para dentro", mas de "dentro para fora"! Tudo aquilo que ela me trazia estava dentro de mim mesma.

Nos momentos dos desafios da vida, eram esses sentimentos que eu usava e ainda uso para poder seguir em frente!

Agradeço à Deusa por permitir que a Pombagira viva em mim, assim como eu vivo nela! Gratidão, minha mãe, por sua presença, por seu amor, sua paciência e seus ensinamentos!

Laroyê, senhora Pombagira Rosa Vermelha!

Minha Pombagira!

Cirlene Rosa é médium do Colégio de Umbanda
Sagrada Pena Branca, sacerdotisa de Umbanda, gestora
pública da Escola Estadual Prof. João Ernesto de Souza
Campos (SP) e estudante de Direito.

Pombagira

por Ana Paula Calassi Gracia

"Não há o que dizer para alguém que sabe o que falar." Foi essa breve frase que a Pombagira, que eu acompanho, disse um dia antes de Alexandre Cumino pedir que eu escrevesse sobre minha relação com a Pombagira para seu livro.

Imediatamente, lembrei-me dos relatos de minhas irmãs de fé, a grande maioria sempre muito bonita: "É uma mãe", "Ela me ampara nos momentos de dor", "É minha guardiã", e eu indagando sobre a monossilábica comunicação da Pombagira comigo. Chego a brincar às vezes: "Olha aí, todas elas falam com suas médiuns e você só conversa com os outros?!". Aproveitei a oportunidade e a questionei sobre o que escrever e a resposta foi: "Não há o que dizer para alguém que sabe o que falar, ESCREVA". Pois bem.

Todas as vezes que alguém fala de Pombagira eu me lembro das mulheres do passado. A mente volta para a Idade Média, para Roma, para a senzala, para o século passado.

A emoção toma conta de minha mente com se tivesse revivendo suas histórias, meu peito se expande e sinto o sentir daquelas mulheres, me falta o ar, e quando vejo, estou entre elas.

A Pombagira fala comigo por meio dessas mulheres, nas quais vejo a cada atitude do passado o ser Pombagira do presente e do futuro. Mulheres que lutaram para se libertar de convenções sociais, livres de pensamento e comportamento, questionadoras de uma sociedade com valores morais criados para subjugar as mulheres. Mulheres que lutaram pela autonomia, que viviam com intensidade e despertaram temor e rejeição por serem muito diferentes da representação clássica feminina. Mulheres que não tinham acesso a informações e argumentos para se defender, mas que, com suas atitudes e postura, marcaram sua época com o pioneirismo e a transgressão de suas ações.

Elas são muitas. Santas, feiticeiras, adúlteras, revolucionárias, indígenas, escravas negras, brancas, heroínas, vilãs, escritoras, cantoras, do povo ou da elite, todas elas ousaram ameaçar o status quo e ajudaram a construir o caminho da mudança, estimuladas por Pombagira.

Atreveram-se contra a determinação do não, negaram-se a ser tuteladas pelos homens. Controlaram seu próprio corpo, rompendo os limites impostos pela sociedade na política, nas ciências, nas artes e na religião.

Domitila, Dionísia, Bertha, Bibi, Virgínia, Pagu, Cora, Tabira, Inês, Aqualtune, Teresa, Ciata, Nassó, Calá, Adetá, Bibiana, Menininha, Anita, Anastácia, Nenê, Zuzu, Jovita, Olga, Leolinda, Chiquinha, Cacilda, Lucila, Simoa, Quitéria, Lina, Artemisia, Nisia e Rosa, entre tantas outras.

Nenhuma delas se deixou definir por rótulos. O único rótulo que pode defini-las é: **ser Pombagira.**

Essas mulheres estão dentro de nós, somos descendentes delas. Descendentes de Pombagira. Estão dentro de nossa pele, no contorno de nosso corpo, em nossa mente, em nosso caráter, elas estão em nós e nós estamos nelas.

Para a mulher que soube criar seu próprio tempo, aquela que ensina me fazendo olhar para o passado, para o meu passado, a ela, minha reverência. Ela é Pombagira.

Ana Paula Calassi Garcia, 25 de junho de 2019-8 de
julho de 2019

Dias depois do texto anterior, Ana me passou o texto a seguir, o livro já estava fechado, mas precisamos de relatos como este para alimentar nossa alma:

Ela falou comigo. Pombagira falou comigo.

Ne Me Quitte Pas (Não me deixe), escrita pelo cantor e compositor belga Jacques Brel, interpretada pela força de Nina Simone e pelo sofrimento de Edith Piaf, retrata a dor da separação de um casal, escrita por um homem com alma feminina. É uma canção de desespero, que fala sobre

uma trágica ruptura e o abatimento de um homem quando ele cai, o desespero, a agonia mental e a morte sentimental do amor por uma mulher.

Je creuserai la terre
Jusqu'aprè ma mort
Pour couvrir ton corps
D'or et de lumière
Je ferai un domaine
Où l'amour sera roi
Où l'amour sera loi
Où tu seras reine
Ne me quitte pas

(Escavarei a terra
Escaparei da morte
Para cobrir teu corpo
De ouro, de luzes
Criarei um país
Onde o amor será rei
Onde o amor será lei
E você a rainha
Não me deixe)

Uma poesia em forma de música ouvida tantas vezes por mim, dentro de outros contextos, mas foi somente dentro do terreiro, após ouvir essa música, que Maria Mulambo contou sua história a mim. Depois de vê-la dançar em minha mente em um grande salão, vestida de negro com o contorno dos seios ora à mostra, ora escondido, disse:

"Houve um tempo em que as mulheres não tinham voz, eram proibidas de falar. A elas só era permitido dançar. Estávamos aprisionadas. Corpo aprisionado, alma livre pela dança. Nossa voz era a dança. Acorrentadas na carne, livres em espírito. Éramos muitas, de muitos lugares, países e nações. Quando chamadas, dançávamos para os homens. Sofríamos ao dançar e ao mesmo tempo nos libertávamos do silêncio, nosso corpo falava e exalava nosso calar. Fui contra nosso calar, me opus... fui morta. Hoje, quando estamos juntas, falo pouco com você porque quero que sinta por meio de meu corpo no seu, por meio de minha dança... meu sentimento. Eu danço, nós duas sentimos e você fala. Eu sou sua dança. Você é minha voz. E juntas somos uma mulher completa."

Após esse reencontro não somos mais as mesmas, nem eu, nem ela. Todos os dias de minha vida, de hoje em diante, esta mulher está em mim e eu nela, por meio do amor pela liberdade.

Ana Paula Calassi Garcia, 21 de julho de 2019

Ana Paula Calassi Garcia é médium de Umbanda, mulher livre e feminista, filha de Marlene, Administradora de empresas e docente. Especialista em Educação, Comunicação Organizacional e Marketing. Tentando ser mestrande em História, Política e Sociedade.
Macumbeira nas horas vagas.

Pombagira

por Fabiana Carvalho

Uma carta de amor para minha mãe:

Oi, Mãe,

Sei que a senhora está sempre por perto e estamos sempre conversando as coisas do dia a dia, mas hoje decidi parar para lhe escrever esta Carta de Amor.

Sabe, mãe, minha primeira lembrança da senhora é antiga e se perde com os anos. É também uma lembrança confusa, pois tudo ainda era muito novo e confuso no início para mim.

Mas, depois, as recordações ficam mais fortes e vívidas... A senhora tornando-se uma presença muito sutil e constante em muitos momentos difíceis de minha vida, mas também nos muito bons, importantes e felizes.

Cada encontro com a senhora sempre foi, é e será um grande evento! Quando sei que a senhora vem, aguardo ansiosa, coração disparado, parecendo adolescente à espera do grande amor. Mas quando a senhora chega, uma mágica acontece: meu coração se acalma, a mente silencia e minha alma se deita serena em seu colo para ouvir suas doces e sábias palavras. E ali, experimento um pedacinho do Céu...

E é tudo muito louco e incompreensível, pois me diluo e me perco na senhora e deixo completamente de ser eu, mas incrivelmente permaneço inteira, sentindo, vendo e ouvindo tudo - de dentro para fora e de fora para dentro -, observando e experienciando tudo ao mesmo tempo.

E quando a senhora vai embora, é como se não fosse! Pois as sensações e emoções daquele encontro permanecem em mim por muito tempo ainda. E tudo que a senhora ensinou ressoa em minha mente, encontrando em meu coração solo fértil para suas sementes de luz germinarem.

Preciso lhe contar, mãe: muitas sementes germinaram desde nosso primeiro encontro, cresceram, criaram raízes fortes e hoje são árvores que

dão frutos suculentos e saborosos! Tudo que aprendi com a senhora me transformou como ser humano, me fez ser alguém muito melhor e me fez querer passar adiante as pérolas que recebi em todos os nossos encontros.

Você me fez forte, empoderada, grande, plena; você me ensinou o poder da fragilidade e da doçura de ser uma centelha feminina; você me mostrou que sempre vale a pena lutar, de forma amorosa, por minhas Verdades; você me guiou e acompanhou na difícil jornada de volta ao interior de mim mesma... Mãe, você me fez **MULHER!!!** (nas não é isso que as mães devem fazer com suas filhas? - você diria com certeza com sua voz tão calma!)

Por isso, mãe, esta carta é para lhe dizer o quanto lhe sou grata por estar em minha vida o tempo todo, para tudo, em tudo, com tudo... Gratidão que ultrapassa as barreiras desta vida e se estende por todo o nosso passado juntas e para tudo que ainda virá.

Gratidão também por ter me ensinado um amor muito diferente: amor sem apegos, sem posse, sem dor, sem cobranças, sem mágoas... Amor de gratidão, de lealdade, de confiança, de presença, de proteção. Amor que não se sente no coração, mas nas entranhas da Alma!

Sim, mãe, relembrei nosso amor e aprendi a vivê-lo com transcendência.

Hoje sei que sou um pedacinho de você... mas a senhora é eu inteira!

Minha Mãe Sete Saias, EU TE AMO!!!

De sua filha Fabiana.

Fabiana Carvalho é médium, sacerdotisa, dirigente do Templo de Umbanda Jacira das Águas, bacharel em Comunicação Social e pós-graduada em Marketing.

Pombagira

por Tati Fissore

Sou Filha de Pombagira - Sou Filha da Deusa.

Sou filha dos desejos que movimentam minha vida, aprendendo a sentir, entender, a respeitar e a fluir com qualquer um deles.

Tão condicionadas dentro de um sistema conservador, machista, colonialista, à margem das decisões, não apenas sociopolíticas, mas igualmente de nossas próprias vidas, passamos, nós também, a julgar e reprimir nossos desejos e emoções porque assim somos ensinadas, porque fomos castradas.

Quantos choros sufocados, quantos prantos transbordados em silêncio, quantas dores adormecidas, quantos desejos amontoados.

Hoje mais conscientes, estamos aprendendo ou reaprendendo que somos mulheres, e o que o ser mulher significa verdadeiramente e o quanto de sagrado há nisso.

Estamos despertando nosso poder de fala, amparadas pela força Dela, pela força da Deusa Pombagira, que sendo mãe e mulher em nós nos impulsiona, nos transborda, nos desdobra e nos vira do avesso, e nos mostra que o avesso é o certo.

Que temos nosso lugar e que devemos ocupá-lo de dentro para fora.

É uma força, um desejo repleto de satisfação, que nos acolhe, recolhe-nos, purifica-nos, direciona-nos, amadurece-nos e gesta em nós o tempo de sermos senhoras dos nossos destinos, de sermos quem quisermos ser.

Ela me diz: "Você é aquilo que quiser ser e não mais só aquilo que disseram que você poderia ser". Laroyê, Pombagira, guardiã de meus caminhos!

Tati Fissore é sacerdotisa de Umbanda e dirigente espiritual da Casa Luz do Despertar, terreiro que

fica em Paulínia/(SP). Advogada, com formação pela
PUC-Campinas, e terapeuta holística.

Pombagira

por Vanessa de Oyá

Meu nome é Vanessa e hoje eu me vejo graças a Maria Padilha, consigo olhar o mundo e as pessoas de uma forma diferente.

O caminho foi longo até aqui, para eu conseguir me olhar e olhar o mundo com outros olhos eu precisei mergulhar dentro do sagrado feminino. O caminho que eu escolhi foi a Umbanda e quem me conduziu foi Maria Padilha das Almas. Ela caminha comigo há muito tempo, aos poucos foi me ajudando, despertando, conduzindo-me para encontrar o verdadeiro sentido de ser mulher.

Encontrar o poder de ser livre, posso fazer minhas escolhas, posso me divorciar, viver sozinha, trabalhar etc. Todas as vezes que a mulher tentou transpor barreiras foi rotulada e degradada diante do patriarcado, machismo e da figura do homem. A mulher sempre sofreu, foi presa, encarcerada, diminuída, inferiorizada.

Mataram a Deusa e por meio da Pombagira, de muitas Pombagiras, a Deusa renasce dentro de cada mulher, filha, irmã, mãe; dentro de cada luta.

Toda aquela que se libertou, que se levantou, toda aquela que você fez ouvir é puta.

Maria Padilha ajudou a curar a relação com a minha ancestralidade, mergulhar dentro de mim, entender os meus erros, desequilíbrios, entender que eu podia e posso tudo o que eu quiser. Eu sou livre e sou a puta que a Deusa abençoou.

Vanessa Nascimento é médium de Umbanda, dirigente
do templo cultural Tupinambá, terapeuta feminina,
facilitadora de círculos femininos

Pombagira

por Thais Helena Queiroz

Maria Quitéria, esse é o nome da Guardia que ampara minha esquerda na força de Pombagira. Ela é uma das primeiras entidades a se apresentar a mim, desde então se faz muito presente em minha vida, minhas escolhas, meu pensar e agir.

Digo isso porque desde que entrou em minha vida ela muito já me ensinou, através dos atendimentos, intuições, mensagens que ora vinham e me faziam refletir.

Sim, essa força em minha vida é pura reflexão, quebra de paradigmas, um tapa na cara literalmente de situações que pareciam óbvias. Elas, as Pombagiras, estão longe de ser óbvias.

Todas as vezes que ela se aproxima, meu coração parece sair pela boca, meu corpo paralisa, a única coisa que sinto e ouço é o bater de meu coração.

Ela se aproxima com delicadeza e na verdade faz uma cachoeira desabar dentro de mim.

Ela me ensina que o amor é um bem em si mesmo, mas pode tornar-se prejudicial se o mesmo acontecer de maneira desordenada.

Amar é uma possibilidade confiada a todo ser humano. É certo que todos amam algo na vida; uns amam coisas ruins e destrutivas, outros realidades boas, alguns amam aprisionando, outros tornando livre o ser.

Todo amor precisa concentrar em si a capacidade de decidir sempre pelo bem, mesmo quando este não se constitui como a opção mais cómoda e agradável.

Para amar é preciso começar em nós. Quem não se respeita e não tem sensibilidade para compreender os próprios limites, não poderá respeitar e compreender o outro.

Quem não respeita o espaço de seu sagrado silêncio, confiando-o a outros, terá dificuldade para definir sua própria identidade.

O amor para ser leal precisa respeitar os limites que compreendem os espaços, onde o coração descansa sem se conceituar.

O amor só é concreto quando, antes de nos doarmos aos outros, conseguimos compreender e definir claramente nossa própria identidade.

Quem abre mão do que é para agradar aos outros vive em profunda "alienação". Quem não se assume em sua singularidade, naquilo que gosta e que não gosta, não poderá amar com qualidade.

Aquele que se desprende da própria dignidade e personalidade vive toda a vida "representando para ser aceito".

Só podemos ser amados sinceramente quando assumimos e somos assumidos integralmente em nossa verdade, naquilo que realmente somos.

O amor real liberta e não aprisiona, pois a liberdade é o propósito essencial na relação onde o amor resolve fazer morada.

Quando amamos, realizamos o que somos, realizando-nos enquanto ser.

E nesse aprender diariamente sobre o amor, com essa força vital em mim, eu aprendo a não ter medo em trilhar meus caminhos, onde perdas me ensinam e escolhas me formam.

Laroyê, Maria Quitéria...

Maria Quitéria é mojubá.

Saravá!

Thais Helena Queiroz é triatleta, vice-presidente do Instituto Cultural Aruanda, dirigente espiritual ICA Templo, diretora da Umbanda EAD, graduanda em Educação Física.

Pombagira

por Cristiano Nascimento

Noite de desenvolvimento mediúnico em nosso terreiro, abrimos a gira, chamamos Ogum e Iansã e, como era o combinado naquele dia, saudamos a esquerda: Exu e Pombagira. Não costumo incorporar no desenvolvimento mediúnico. Ela encosta em mim e me conduz até o local de firmeza da esquerda, começa então nosso diálogo. Tem início a experiência de vida mais profunda até hoje na Umbanda. Depois de tantos anos incorporando, de tantas outras vivências, eu ainda não havia passado por nada igual.

Ela começou a fazer um carinho em meu rosto com as costas de minha mão, passando assim para a barba com carinho, muito delicada, muito fundo em mim, sensível, fui ficando mais calmo, mais solto. Ali ela começa a trazer algo para mim, lentamente, começa a dizer que tinha abortado um filho. Teve essa experiência em sua última vida, e vai relatando em resposta aos meus questionamentos naquele momento; eu vinha buscando saber um pouco mais sobre mim mesmo e sobre minha relação com meus guias.

Nesse dia a resposta veio de uma maneira inesperada, naquele dia eu não havia feito nenhuma pergunta, ela simplesmente chegou, incorporou e me levou para sentar no banquinho. Fez um carinho que nunca tinha feito, aliás eu nunca tinha recebido um carinho de entidade nenhuma, à medida que ela ia acariciando começa a dizer que desencarnou na tentativa de viver um amor impossível.

Ela parte da família na fazenda colonial, ele um funcionário, um capataz que vivia a observá-la. Certo dia saiu como de costume para cavalgar, entre o milharal o cavalo pisa em um buraco e ela cai, bate a cabeça. Diz: depois de alguns instantes sou socorrida por ele, que caminhava por ali. Naquele momento vivemos algo que marcaria nossas vidas, nós nos amamos loucamente e não voltamos mais a nos encontrar, a distância entre nós era muito grande, nossos mundos muito diferentes. Minha família jamais aceitaria, meu pai, meus irmãos jamais aceitariam um romance com empregado. Pouco tempo depois descubro que estou esperando um filho, tentei esconder a gravidez por um tempo, mas foi

inevitável, minha família acabou descobrindo. Usaram de todos artifícios para eu abortar. Com o passar do tempo não conseguia me perdoar, eu me senti culpada, remorso, tristeza, arrependimento, dor, muito sofrimento. Adoecei até perder a vida, desencarnei aos 23 anos, jovem, destruída, despedaçada.

Ali ela fez uma pausa no diálogo, eu perguntei: por que está me dizendo tudo isso?

Então ela me respondeu: porque você é o filho que eu esperava.

Era você que eu não tive oportunidade de criar, de chamar, de parir, e muita coisa ruim aconteceu depois. Não houve oportunidade de encarnar com você. A primeira oportunidade que eu tenho de te encontrar é essa aqui, eu te amo, você é o filho que eu não tive, que me foi tirado, arrancado, subtraído. Filho amado! Agora meu nome é Maria das Sete Saias da Praia.

Cristiano Nascimento é médium de Umbanda, sacerdote de Umbanda no Templo Cultural Tupinambá, terapeuta holístico e facilitador de jornadas xamânicas.

Pombagira

por Alexandre Takayama

Como me apaixonei pela Pombagira Sara Rosa Vermelha! Essa história tem seu início quando, após uma discussão, eu saio de casa, pois estava impossível a convivência com minha esposa; após sete anos de casado, tudo que ela fazia me irritava e eu não via mais sentido em permanecer com esse relacionamento.

Fui para o escritório em que trabalhava e, quando fiquei sozinho, comecei a sentir uma tristeza que jamais havia sentido em minha existência, naquele momento eu me senti isolado do mundo e várias perguntas começaram a surgir em minha mente.

Por que me sinto assim, o que sei sobre sentimento, o que entendo por sentimento, o que aprendo com sentimento?

Resolvi dar ouvidos a esses questionamentos e eles ganharam a sobriedade de alguém que sente, sabe, entende e aprende com esse sentimento; o nome desse alguém é Sara Rosa Vermelha.

Sua história é muito longa e não é o objetivo deste texto, mas ela ensinou o que a devoção sentimental a alguém pode causar em nossa vida.

Diante disso me tornei aprendiz, aconselhado por uma mulher incrível, que se apresenta como a Donzela que Apaixona, a Mãe que Corrige e a Avó que Aconselha.

Aprendo que sempre vivemos dilemas de amor, sendo três mais claros:

Ágape, amor incondicional, puro, verdadeiro, ilimitado.

Phylos, amor filial, obrigatório para quem eu dei a vida e pelo qual eu cobrarei durante toda a vida, impuro, que cria apego e, portanto, limita.

E finalmente Eros, amor entre dois seres, pura troca, me dê atenção, me dê carinho, me dê...

Isso desperta em mim todos os dias o verdadeiro "Desejo", a força feminina que existe em cada ser, não o desejo vil de posse, de apego, mas

sua transformação em Ágape, em que o "Desejo" torna-se "Vontade"!

"Vontade" essa que move tudo em nossas vidas, faz com que acordemos a cada dia mais fortes e dispostos para mudar nosso mundo, a partir da mudança de nossas imperfeições.

Aprendo que jamais eu posso mudar o outro, mas posso mudar a mim mesmo e tornar o mundo que vivo maravilhoso, lindo, absoluto.

Aprendo que respeitar a mulher é respeitar o princípio criador, a "Deusa" que habita em cada um de nós e a qual eu aprendo a chamar de "Consciência", esta divindade absolutamente maravilhosa, capaz de imaginar e criar qualquer coisa no universo.

Sara Rosa Vermelha, gostaria de escrever por horas o quão grato sou por você existir em minha vida e o quanto você é e sempre será importante para mim, mas prefiro dizer apenas: TE AMO.

Alexandre Takayama é médium, sacerdote, dirigente
do Templo Fases da Lua, advogado, contador e
especialista em terceiro setor.

Pombagira

por Daycton Gomes

"Eu tenho orgulho de ser filho de Pombagira!"

Meu filho quis começar com essa frase, eu lhe perguntei o porquê; segundo ele, eu sou aquela que o ajuda em inúmeras situações, sou amiga, mentora, tutora, às vezes brava, incisiva, porém muito amorosa, sutil e "fina". Às vezes ele me chama de doida também, devido a coisas que já fiz em minha caminhada e que faço, atualmente, ao seu lado.

Lembro-me de quando o vigiava de longe, protegendo-lhe desde criança, ele tinha medo de mim, chegando a gritar na rua achando que estava sendo perseguido... você acredita? (risos).

Hoje, conversamos a toda hora e nunca acaba o assunto, eu sempre lhe mostro o lado bom de cada situação.

Ele diz que eu sou a rainha do coração dele e que, quando "estou em terra", o mundo paralisa para me olhar, você acha que eu me incomodo?

Eu quero é que olhem mesmo, eu, uma mulher belíssima, incorporada em um homem!

Sabe por quê? Eu estou em qualquer lugar, a qualquer momento, em qualquer situação.

Ele diz que, quando eu caminho, ou quando ele fecha os olhos pra me ver, chora de emoção e alegria.

A cada movimento sutil demonstro imponência, ao mesmo tempo sutileza e simpatia - isso a cada passo, a cada virada de mão e, também, a cada gesto.

Ele diz que sempre aprende comigo, porém eu também aprendo com ele, pois a vida é tão linda que nos dá esse presente: o ensinamento.

Sou grata por cada instante de suspiro de vida que tive, em várias passagens que fiz. Me amo! E digo: de todos os amores, amor-próprio vem primeiro! É difícil ouvir isso? Mas não, não é.

Quando você der ou receber uma rosa, peça para que o canteiro das rosas floresça com centenas e centenas de rosas a mais, uma mais linda que a outra, e que nunca acabe essa beleza natural.

A vida é tão linda como respirar. Respirar é de graça, o caro é pagar com a vida.

Salve a vida. Salve o amor. Salve as Rosas, salve o canteiro das Rosas.

Meu nome? Rainha, princesa, guerreira, bruxa, Rosa Caveira ou Thamara, para os mais íntimos.

Eu, Day, tenho orgulho de ser filho de Pombagira, ser um homem e ter Pombagira como guia de Frente, e digo mais: Vai ter homem com Pombagira como guia de frente SIM! Vai me fazer mais ou menos homem? NÃO! - Beijos de luz.

Daycton "Day" Gomes, médium de Umbanda e gestor de Customer Experience.

Pombagira

por João Luiz Vieira

Sexo é uma característica que distingue o que é macho e fêmea nos reinos animal e vegetal.

Sexualidade é o significado que damos a essas características, é um estímulo cerebral fortemente influenciado pela cultura, tempo, contexto histórico, família, Igreja e Estado.

Temos identidades de gênero, mas muitas vezes somos impedidos de expressá-las.

Umbandistas estão inseridos nesse contexto, portanto somos influenciados pelos que nos cercam. Talvez por viver no maior país católico do mundo, há uma clara cisão entre o que é de menino ou de menina, e, aqui, as zonas intermediárias tendem a ser perseguidas, quando não violentadas, porque é "contra a vontade d'Ele".

Há, no mínimo, controvérsias a respeito desse tema, "vontade d'Ele", mas é assunto para outros escritos.

O prólogo serve para explicar que fui criado em um ambiente livre de certas estâncias. Em minha casa, minha irmã e eu brincávamos com brinquedos que nos interessavam, não os impostos por causa de nossos genitais, embora eu, que comecei a ler e escrever aos 4 anos, só gostasse de brincar com lápis, cadernos, livros e insetos.

Como disse meu colega de profissão, Arnaldo Bloch, no jornal O Globo, a propósito do longa-metragem Dor e Glória, de Pedro Almodóvar, realizado em 2018: "Melhor uma interrogação substancial, real, que uma certeza imperativa, ilusória, letal".

Quando incorporei pela primeira vez Minha Senhora (trato assim as mulheres que me dão o privilégio de senti-las), queria entender o que ela queria exatamente de mim.

Como lidar com a mulher em mim no Brasil? Sabia que iria me transformar em outro, quebrar meu eixo, promover uma ruptura de tudo o que acreditava ter sido até então.

Como todo relacionamento duradouro, começamos a nos conhecer por camadas, e assim seguimos.

Primeiro o sorriso. Ela me fez gargalhar, algo incomum depois de um longo período de perdas. Depois o movimento. Ela me explicou que poderia me mexer com elegância e graciosidade e, veja você, manter todos os caracteres primários e secundários de meu sexo, inclusive meu pênis.

Ela não iria excluir nada em mim, não iria reorientar minha sexualidade. Iria incluir. Mais que isso: pacificar meu masculino ressaltando o melhor de meu feminino.

Trabalhando meu Sol e minha Lua. Meu claro e meu escuro. Meu dentro e meu fora. Assim tem sido. Nosso cuidado é mútuo e não acaba quando eu mudar de tarefa nessa jornada aparentemente longa, mas que é sopro. Dona Paulina da Beira do Cais é como Minha Senhora quer que eu a chame. Não por acaso, ela é a madrinha espiritual de minha irmã, que nasceu quando eu era um garoto de 7 anos. Entende o significado? Minha senhora se apresentou em terra para cuidar de minha menina, minha caçula.

Alagoana, amante de echarpes, dona Paulina foi uma mulher com coluna de aço. Dona de bordel, sabia o que queria, o que fazer, como, com quem, quando e por quanto.

Assassinada por um coronel, cliente ciumento, mudou de plano com a certeza de orientar homens e mulheres a harmonizarem suas dualidades, seria sua missão.

Como profissional do sexo, entregou artigo raro ontem e ainda hoje: afeto a quem sente dor no peito.

Essa é ela. Ela (também) sou eu. Tendo a lamentar quando um homem umbandista impede que a mulher que tem dentro de si se expresse. A pacificação entre os dois vieses do que somos pode não chegar a tempo, e a evolução tende a ser mais lenta e menos consistente. Que sua senhora o proteja.

João Luiz Vieira, 50 anos, jornalista e sexólogo, umbandista discreto há 30 e assumidamente filho espiritual de Alexandre Cumino desde 2016.

Macaia de Pombagira

Por David Dias

A flor é o primeiro elemento vegetal a aparecer nas palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da Umbanda, por meio de Zélio Fernandino de Moraes. Elementos de extensa simbologia, são as flores que se destacam nas giras de atendimentos com as Pombagiras.

Independentemente da cor ou espécie, a flor traz a simbologia do impronunciável, daquilo que transcende as palavras e está relacionado diretamente ao campo do "sentir". É um elemento que retrata um sentimento impossível de ser verbalizado, tornando-se este o principal motivo de presentearmos pessoas com flores, demonstrando um afeto que transcende quaisquer palavras.

Como vegetal, a rosa vermelha é o principal elemento de representação das Pombagiras. Muitas delas trazem essa referência em seus nomes, como: Rosa Caveira, Rosa Menina, Rosa Maria, Rosa dos Ventos, Rosa Vermelha, etc. Com isso, a clássica rosa vermelha torna-se um elemento quase indispensável às Pombagiras; no entanto, além dessa flor, podemos ainda enriquecer firmezas e oferendas com amarilis, antúrios, hibiscos, zínias e tulipas.

Como visto anteriormente e muito bem explorado nas obras de Rubens Saraceni, Pombagiras são regentes do campo dos desejos e portadoras do fator estimulador. Portanto, ervas estimulantes, relacionadas ao ciclo menstrual e ao sistema reprodutor feminino, estão diretamente ligadas às manifestações das Pombagiras. Por meio desse conceito, podemos então observar e identificar as ervas, visto que diversas são as plantas que apresentam em suas propriedades os fatores análogos a essa linha de trabalho, ora relacionadas ao conceito da geometria fractal, ora às cores ou a seus aspectos terapêuticos.

A seguir, destacam-se as principais ervas associadas às Pombagiras:

Artemisia (*Artemisia vulgaris*)

Rubim (*Leonurus sibiricus*)

Cravo-da-india (*Syzygium aromaticum*)

Hibisco/Vinagreira (*Hibiscus sabdariffa*)

Malva (*Pelargonium graveolens*)

Angélica (*Angelica sinensis*)

Alquemila (*Alchemilla vulgaris*)

Aroeira-vermelha (*Schinus molle*)

Alecrim-de-angola (*Vitex agnus-castus*)

Amélia (*Hamelia patens*)

Quando o assunto é sobre sementes para Pombagiras, nesse caso as indicadas são:

Pimenta-rosa (*Schinus terebinthifolius*)

Garra-de-Pombagira (*Martynia annua*)

Olho-de-pavão (*Adenanthera pavonina*)

Relacionar-se com as Pombagiras pode ser ainda mais agradável se pautarmos esses momentos com banho de ervas. Além das ervas descritas, uma boa mistura é produzida pela infusão de malva, cravo-da-índia e pétalas de rosas vermelhas, além de óleos essenciais que podem tornar esses instantes ainda mais inspiradores.

Se a proposta é defumar na força das Pombagiras, a receita mais eficaz e agradável se dá pela soma do cravo-da-índia, mirra e pimenta-vermelha.

Quanto ao fumo, são sempre indicados os cigarros de tabaco com aroma de cereja, tornando o fumo leve e mais agradável.

Saravá a Macaia, Laroyê, Pombagira - vocês são Rainhas!

POMBAGIRA
A DEUSA
MULHER IGUAL VOCÊ

Alexandre Cumino, bacharel em Ciências da Religião, sacerdote de Umbanda, médium, dirigente espiritual de uma comunidade umbandista há mais de duas décadas e discípulo de Mestre Rubens Saraceni, descobriu que "não sabia que não sabia" muita coisa sobre a mulher, a sociedade e a Pombagira.

Para receber os primeiros textos deste livro, a Pombagira exigiu dele uma nova consciência. Assim que iniciou a escrita, ao se encantar com o próprio texto inspirado ela lhe disse: "Quer saber mais? Quer conversar comigo? Então estude o Feminismo Negro". Desta forma, o livro Pombagira A Deusa - Mulher igual Você traz uma nova consciência sobre Sagrado Feminino na Umbanda e outras verdades que questionam nossos valores patriarcais, machistas, sexistas, racistas, colonialistas e inconvenientes para quem está em sua zona de conforto privilegiada.

Pombagira vem para abalar velhas estruturas de paradigmas preconceituosos, sectários, de tradições exclusivistas dominantes do mundo contemporâneo. Transgressora, provocadora e consciente Ela nos chama para uma nova consciência.

f/madraseditora/madrased

@madraseditora

ISBN 978-85-370-1223-9

MADRAS

9 788537 012239

Notas

[←1]

CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da Violência 2019. Brasília: IPEA, 2019.

[←2]

Idem, ibidem.

[←3]

Idem, ibidem.

[←4]

ONU. Tara de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes buscam solução. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

[←5]

Cepal. El feminicidio, la expresión más de la violencia contra las mujeres. Disponível em: <http://orig.cepal.org/sites/default/files/nota_27_esp_O.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2019.

[←6]

BERTH, Joice. O Que é Empoderamento. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 73-75.

[←7]

No livro Pensar Nago, o jornalista e sociólogo Muniz Sodré dedica um capítulo sobre esse provérbio/aforismo, no qual ele fala das regras morais que essas expressões impõem, mas principalmente sobre as formas de crer, existir e pensar dos povos nagós, de onde se origina o culto aos Orixás. Fala sobre a importância do tempo e da compreensão de como as coisas se movem. Exu é um modelo, porque tudo se move em torno dele, homem/mulher, masculino/feminino. Exu, todavia,

revela algo muito mais amplo, algo inerente à condição humana, seja branca ou negra, europeia ou africana, que é a ligação visceral entre o sagrado e o erótico (SODRÉ, Muniz. Pensar Nago. Petrópolis. Vozes, 2017, p. 179).

[←8]

Movimento de políticas feministas que têm como pauta central ações para transformar a condição de mulheres negras no contexto de raça, gênero e classe pelo mundo. Vale indicar que leiam teóricas e ativistas como Angela Davis, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Sheila Walker, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Rosane Borges, Lelia Gonzales, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento, Neuza Santos, Djamila Ribeiro, Chimamanda N. Adichie, Mãe Stella de Oxossi e Makota Valdina, entre muitas outras..

[←9]

Esses marcadores do movimento feminista, que dizem respeito aos homens e às mulheres brancos, brancas, negros e negras, de certa forma resumem o que é patriarcado e foram apresentados pela primeira vez pela ativista negra norte-americana bell hooks (em letra minúscula mesmo!) em 1984, no livro *Feminist Theory: From Margin to Center*, mas estão muito bem explicados em *O Feminismo é para Todo Mundo - Políticas Arrebatadoras*, lançado recentemente (hooks, bell. Tradução de Ana Luiza Libanio. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019). Livro que eu ganhei de presente do próprio Alexandre Cumino (ou da Deusa?).

[←10]

Fonte: *A Origem de Deus*, de Laurence Gardner. São Paulo: Madras Editora, 2011. p.74

[←11]

Fonte: *A Biblioteca de Nag Hammadi*, de James M. Robinson. São Paulo: Madras Editora, 2006.

[←12]

A Alma Imoral, de Nilton Bonder. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

[←13]

Ver referência completa do livro de bell hooks na nota 9.